

Revista da Graduação

Vol. 4

No. 1

2011

27

Seção: FACULDADE DE LETRAS

Título: Otelo: O ciúme do Mouro de Veneza
analisado à luz da Teoria da Relevância

Autor: Henrique Meneghini Dhil

Este trabalho está publicado na Revista da Graduação.

ISSN 1983-1374

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/8819/6184>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

HENRIQUE MENEGHINI DHIL

**OTELO: O CIÚME DO MOURO DE VENEZA ANALISADO À LUZ DA TEORIA DA
RELEVÂNCIA**

Porto Alegre

2010

HENRIQUE MENEZHINI DHIL

**OTELLO: O CIÚME DO MOURO DE VENEZA ANALISADO À LUZ DA TEORIA DA
RELEVÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
Para obtenção do título de Licenciado em
Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Faculdade de Letras

Orientadora: Ana Maria Tramunt Ibaños

Porto Alegre

2010

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, por terem me proporcionado a oportunidade de estudar em uma faculdade de renome como a PUC e por terem me ajudado a descobrir o mundo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela criação do nosso bem mais precioso: a vida.

A meu pai. Ele que sempre disse que o estudo era a coisa mais importante que poderia me proporcionar. Tenho certeza de que ele está, lá de cima, torcendo por mim.

À minha mãe, minha melhor amiga, aquela que sempre me encoraja a seguir em frente.

Às minhas irmãs, pelo companheirismo, pelos momentos de diversão e por serem os meus tesouros.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Maria Tramunt Ibaños, pela dedicação, pelo exemplo de professora e de ser humano, e por me mostrar que, mesmo em meios acadêmicos, grandes amizades podem surgir. Por ser a pessoa que me incentivou em todos os momentos, desde o início da minha pesquisa.

Ao Professor Doutor Jorge Campos, por me apresentar a Teoria da Relevância e por me sugerir o tema em uma de suas aulas.

À Professora Mestre Liane Mroginiski Zanesco, por ser minha primeira professora de Literatura Estrangeira na Faculdade, e por me aguçar o gosto pela literatura.

À Professora Doutora Jane Rita Caetano da Silveira, pelo exemplo de profissional brilhante e pelos trabalhos realizados.

Aos colegas do PET, pelos momentos ímpares que passamos juntos.

Aos meu colegas de aula, por tornarem o caminho mais fácil de ser trilhado.

A todas as pessoas que, de uma maneira tão singular, contribuíram para que eu vencesse mais essa etapa.

RESUMO

Este trabalho busca analisar como o ciúme desencadeia as inferências e as atitudes da personagem Otelo, do filme homônimo, adaptado da obra de William Shakespeare. A investigação desse fenômeno inferencial é feita através do suporte da Teoria da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (1995), da Teoria de Administração do Erro, proposta por Buss (1995) e de conceitos acerca do ciúme nessa ótica. Após a análise das inferências da personagem, poder-se-á estabelecer uma interface entre a Linguística, a Psicologia e a Literatura Ficcional.

Palavras-chave: Inferência. Teoria da Relevância. Teoria de Administração do Erro. Ciúme. Otelo

ABSTRACT

This paper aims to analyze how jealousy initiates the inferences and the attitudes of the character Othello, from the homonymous movie, adapted from William Shakespeare's work. The investigation of the inference is based on Relevance Theory, proposed by Sperber and Wilson (1995), the Error Management Theory, proposed by Buss (1995) and some concepts about jealousy in this perspective. After the analysis of this character's inferences, it will be possible to establish an interface between Linguistics, Psychology and Fictional Literature.

Keywords: Inference. Relevance Theory. Error Management Theory. Jealousy. Othello

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A TEORIA DA RELEVÂNCIA.....	9
2 DO CIÚME	14
2.1 A SÍNDROME DE OTELO.....	18
3 AMEAÇA E DEFESA: O INPUT E O OUTPUT	22
4 UM OLHAR SOBRE OTELO	25
4.1 RESUMO DO FILME.....	25
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	27
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	44
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Segundo a Teoria da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (1995), a comunicação envolve processos de codificação e decodificação, além de processos inferenciais. Na comunicação, enquanto o comunicador tem a intenção de informar algo de maneira ostensiva a uma audiência, o receptor está envolvido no processo inferencial – em fazer inferências, sobretudo, a partir do dito.

Essas inferências feitas pelo receptor dependem de vários fatores. Entre eles, estão o conhecimento prévio que o receptor tem sobre o assunto, o contexto no qual se dá a comunicação e, também, fatores psicológicos que podem afetar a interpretação.

Por assumir uma perspectiva de mente e de comportamento cognitivo como aspectos centrais, pode-se dizer que a teoria proposta por Sperber e Wilson (1995) possui uma base cognitiva. A peça chave da teoria está, portanto, na relação custo/benefício: para se alcançar a relevância, os efeitos cognitivos obtidos devem ser menores que os esforços de processamento.

Entretanto, Campos (1998) afirma que o peso emocional pode interferir na produção e recepção de inferências. Isso poderia explicar, segundo ele, o porquê de muitas pessoas ciumentadas não fazerem inferências triviais, buscando alternativas que julgam ser informativamente mais relevantes.

Esta pesquisa tem, portanto, como principal objetivo, analisar de que maneira o estado emocional pode desencadear as inferências feitas pelo receptor. Para isso, serão utilizadas, como objeto de estudo, algumas cenas do filme *Otelo*, adaptação da obra homônima de William Shakespeare.

Esse filme tem, como um de seus principais temas, o ciúme. Motivado pelas intrigas de seu suboficial Iago, Otelo passa a questionar a fidelidade de sua esposa Desdêmona. Como o personagem torna-se obcecado pela ideia da traição, pode-se observar, nos diálogos do filme, a presença desse sentimento no processo inferencial do personagem. Em função disso, esse filme é um bom exemplo para que se faça a análise do fenômeno abordado no presente trabalho, que terá, como base teórica, um estudo detalhado da Teoria da Relevância e dos conceitos e tipos de ciúme.

Uma vez que a Teoria da Relevância já faz, por si só, uma interface com a Psicologia Cognitiva, busca-se, aqui, relacioná-la a outros campos da Psicologia. Portanto, verificar-se-á a possibilidade de diálogo entre os processos inferenciais linguísticos, o ciúme e a linguagem cinematográfica – que, por sua vez, foi baseada na Literatura Ficcional.

1 A TEORIA DA RELEVÂNCIA

Em 1986, Sperber & Wilson publicam o livro, cuja edição seria revisada e reeditada em 1995, no qual apresentam a Teoria da Relevância. A Teoria da Relevância ocupa-se da descrição dos mecanismos que envolvem uma comunicação ostensivo-inferencial. O comunicador, ao produzir um enunciado, torna-o manifesto para ele e para o ouvinte. Através do estímulo-enunciado, cabe ao ouvinte, a partir da ostensão, fazer as inferências e as suposições no nível conceitual. Por tratar-se de uma comunicação ostensiva-inferencial, descarta-se, aqui, qualquer tipo de mensagem subliminar, uma vez que esse tipo de mensagem não se caracteriza como sendo ostensiva.

A Teoria da Relevância busca analisar como ouvintes compreendem os enunciados feitos por um comunicador. Por abordar “o modo como a informação é representada na mente e como é processada inferencialmente” (FELTES; SILVEIRA, 2002, p. 14), pode-se dizer que Sperber e Wilson, através dessa teoria, realizam uma interface entre a Linguística e a Psicologia Cognitiva. Para isso, os autores, em 1995, embasam sua teoria em dois princípios: o Princípio Cognitivo da Relevância e o Princípio Comunicativo da Relevância¹.

O Princípio Cognitivo da Relevância expressa que a cognição dos seres humanos dirige-se para a maximização da relevância, ou seja, que o nosso cérebro tem a tendência à máxima relevância. Além disso, observa-se, aqui, que os seres humanos dão graus de importância ao que lhes parece relevante. Essa é a razão pela qual as pessoas não ouvem o barulho de uma mosca em um ambiente de trabalho, por exemplo.

O Princípio Comunicativo da Relevância postula que “Todo ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (SPERBER; WILSON, 1995, p. 158). Se uma pessoa chama a outra, por exemplo, é porque acredita ser relevante o que tem para lhe comunicar. Esses dois princípios presumem interação e dão-se de maneira inconsciente.

A Teoria da Relevância é uma relação de efeito-esforço ou de custo-

¹ Segundo Silveira e Feltes (2002, p. 38), esses dois princípios são o desdobramento do Princípio de Relevância, publicado na primeira versão da obra de Sperber e Wilson, em 1986. Entretanto, segundo as autoras, a mudança é apenas expositória, uma vez que não há, nenhuma alteração em seu conteúdo.

benefício, que compreende as noções de efeito cognitivo e de esforço de processamento. Sperber e Wilson (2001)² afirmam que

Em igualdade de condições, quanto maiores são os efeitos cognitivos conseguidos pelo processamento de uma entrada de dados, maior é a sua relevância. No entanto, no processamento da entrada de dados, e na derivação desses efeitos, existe algum esforço mental. Em igualdade de condições, quanto menor é o esforço de processamento requerido, maior é a relevância. (p. 11)

Logo, esforço de processamento e efeito cognitivo são grandezas inversamente proporcionais, pois, quanto menor é o esforço de processamento e quanto maior é o efeito cognitivo, maior é a relevância entre o comunicador e o ouvinte. Entretanto, não se pode trivializar a teoria para a resolução de problemas. De maneira trivial, a simples cópia de trabalhos poderia ser considerada relevante, visto que o esforço de processamento é mínimo. No entanto, deve-se considerar que o efeito cognitivo também é pequeno, uma vez que não há reflexão e construção do conhecimento.

A comunicação ostensiva-inferencial, proposta por Sperber e Wilson (1995), revela a necessidade de um comunicador manifestar sua intenção de tornar manifesto, a um ouvinte, alguma informação de nível básico. Para isso, enquanto o comunicador escolhe os estímulos que julga mais importantes para que sejam processados pelo receptor, o receptor pressupõe que o que lhe está sendo comunicado é verdadeiro e mais relevante para a situação comunicativa. Baseado nesse conceito, surgem as noções de intenção informativa e de intenção comunicativa.

A intenção informativa é a intenção do falante de informar algo a um receptor, a uma audiência. Já a intenção comunicativa refere-se ao desejo do falante em ter sua intenção informativa reconhecida. Vejamos a situação hipotética abaixo, que poderia ocorrer em uma sala de aula de uma universidade, onde as aulas terminam às 22h45min, em uma sexta-feira à noite:

Aluno: Professora, são 22h30min.

Professora: Bom final de semana para todos.

Ao dizer as horas, por exemplo, o falante (o aluno, nesse caso) simplesmente torna manifesto o seu desejo de informar o tempo cronológico a

² A Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, publicou, em 2001, uma tradução portuguesa da segunda edição do livro *Relevance: communication and cognition*, de Sperber e Wilson, publicado em 1995.

alguém – intenção informativa. Entretanto, o aluno também espera que o professor perceba que, em uma sexta-feira à noite, os alunos estão cansados e desejam ir para as suas casas. Ao desejar um bom final de semana a todos os alunos, o professor reconhece a intenção informativa do estudante. A esse reconhecimento, dá-se o nome de intenção comunicativa.

Com base no diálogo acima, percebe-se que o aluno não se manifestou diretamente ao professor, o que gera duas interpretações: ou ele simplesmente queria tornar algo manifesto – dizer as horas –, ou ele queria que o ouvinte percebesse que sua manifestação fora intencional e que, portanto, os liberasse. Nesse caso, deparamo-nos com uma contradição: se um estímulo deve “atrair a atenção de uma audiência e focalizar as intenções do comunicador” (FELTES; SILVEIRA, 2002, p. 50) e, portanto, direcionar o foco do ouvinte, por que motivo o aluno comunicou-se de maneira intencional?

Sperber e Wilson (1995) acreditam que tornamos algo manifesto a uma audiência com o objetivo de modificar e aprimorar as suas crenças. Uma vez que o aluno conhece o ambiente cognitivo da professora e vice-versa, fica mais fácil de serem inferidas as possíveis suposições que serão feitas durante a situação comunicativa. A esse contexto compartilhado – algo que é comum aos interlocutores – chamamos de manifestabilidade mútua.

Por outro lado, tomando o mesmo exemplo, mas considerando que se tratasse de uma professora visitante, que não tivesse conhecimento do costume de liberar os alunos mais cedo na sexta-feira à noite, não haveria entre falante e ouvinte esta manifestabilidade mútua. A professora provavelmente não teria a mesma reação da primeira, pois não conseguiria inferir que aquilo que o aluno estava querendo era que a turma fosse liberada mais cedo. O aluno precisaria, então, ser mais direto para que a professora pudesse alcançar os efeitos cognitivos esperados.

No primeiro caso, o ouvinte combinou o seu conhecimento de mundo com os conhecimentos novos dados na situação comunicativa, o que resultou em uma nova suposição, dando caráter relevante à informação. Já no segundo, a informação não apresentaria a mesma relevância, pois não resultaria em uma nova suposição. A essa alteração de crenças do indivíduo, basilares no processo comunicativo, dá-se o nome de efeitos contextuais, que podem ocorrer, segundo os autores, (a) por implicação contextual: combinação de informações já existentes com as informações novas; (b) pelo fortalecimento (ou enfraquecimento) de suposições: não obtém,

necessariamente, uma informação nova derivada; (c) pela eliminação de suposições contraditórias: eliminando-se, sempre, a suposição mais fraca.

Vejamos o exemplo abaixo:

João: Você quer ir à festa hoje?

Paula: Tenho aula amanhã cedo.

(a) As suposições candidatas à interpretação do enunciado de Paula podem ser:

S1: A festa irá até tarde.

S2: Ficar até tarde na festa deixará Paula com sono.

S3: Paula precisa acordar cedo no outro dia.

S4: Paula precisa dormir cedo.

As suposições acima constituem um conjunto de informações velhas. Logo, a fala de Paula (informação nova), contextualizada no conjunto de suposições (S1, S2, S3 e S4), deriva a seguinte implicação contextual:

I: Paula não vai à festa com João.

(b) João, entretanto, poderia ativar e fortalecer as suposições estocadas em sua memória através do processo dedutivo abaixo:

S5: Paula vai fazer uma prova no dia posterior à festa.

S6: Paula precisa estudar.

S7: A festa é hoje.

S8: Se Paula for à festa, ela não estudará.

A partir das suposições S5, S6, S7 e S8 deriva-se uma implicação:

I: Paula estudará para a prova.

Essa implicação I fortalece, portanto, a suposição inicial: “Paula não vai à festa com João”.

(c) Digamos, entretanto, que Paula complete a sua frase e diga: “Tenho aula amanhã cedo..., mas irei à festa”.

Nesse caso, a frase de Paula fornece um *input* linguístico a Pedro, enfraquecendo a suposição inicial de que Paula não iria à festa porque teria de estudar. Logo, como se tem menos evidências para a essa suposição, ela acaba sendo eliminada.

Segundo Sperber e Wilson (1995), a memória enciclopédica e as habilidades perceptuais e cognitivas dos indivíduos restringem o contexto selecionado para a

interpretação de um enunciado. Logo, o contexto nunca é dado de antemão³; a própria seleção do contexto faz parte do processo da interpretação de enunciados. A informação terá relevância ótima, portanto, quando os efeitos contextuais forem alcançados com o mínimo de esforço justificável.

³ Segundo Silveira e Feltes (2002, p. 47), Grice e seus seguidores defendem que o contexto entre o falante e o ouvinte é sempre dado *a priori*, ou seja, de antemão. Eles afirmam que essa é uma condição para a comunicação ser bem-sucedida.

2 DO CIÚME

O estudo do ciúme parece ser controverso, desde sua definição até suas consequências. De acordo com Pines e Aronson (1983), a própria magnitude dramática decorrente do ciúme faz com que ele seja tema decorrente em obras literárias escritas por grandes autores. Clássicos como *Otelo*, de William Shakespeare, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, apresentam o ciúme como tema central de suas narrativas. Apesar de ser uma emoção negativa, o ciúme é, muitas vezes, esperado e fortalecido culturalmente nas relações entre as pessoas, principalmente entre os casais, por ser considerado uma forma de zelo, de amor e de atenção. Essa ideia vem ao encontro da origem etimológica da palavra na Língua Portuguesa: do latim *zelumen*, e do grego *zelus*, que significa “fervor, calor, ardor ou intenso desejo” (BUSS, 2000, p. 41).

Pines e Aronson (1983) afirmam que sociólogos como Bernard, em 1977, antropologistas como Hupka, em 1981, e psicólogos sociais, como os próprios autores, são “pensadores, nas áreas humanas e ciências sociais, que tentaram ou ainda tentam entender melhor o ciúme” (p. 109)⁴. Entretanto, os autores acreditam que, apesar de promover um gama interessante de especulações, hipóteses e ideias, a literatura acerca do ciúme não produz informações sistemáticas. Segundo eles, filósofos tendem a basear suas conclusões mais na lógica teórica de seus argumentos em relação ao ciúme do que em uma pesquisa científica. Os próprios etnógrafos, cujos estudos são a base da maioria das pesquisas antropológicas, têm suas pesquisas baseados, em sua maioria, pelas suas próprias opiniões. Logo, segundo Pines e Aronson (1983), etnógrafos de diferentes nacionalidades acreditam basicamente nas suas próprias impressões. Os próprios psicanalistas, muitas vezes, tendem a basear seus estudos em um único caso.

Durante anos, Pines e Aronson (1983) têm dedicado seus estudos a entender a dinâmica do ciúme. Eles realizaram workshops, estabeleceram questionários para serem respondidos, conduziram entrevistas clínicas, seminários, palestras e estudaram a literatura (científica e ficcional) acerca do assunto. Isso mostra, mais uma vez, a importância da Literatura Ficcional para o estudo do ciúme,

⁴ Tradução do autor: “Various thinkers in the humanities and the social sciences have tried to gain a better understanding of sexual jealousy”.

o que corrobora com o uso da obra *Otelo*, de William Shakespeare, na presente pesquisa.

“Quando se pensa em uma situação de ciúme, o conceito mais óbvio é de um evento interpessoal que envolve, pelo menos, três pessoas (diferente de rivalidade, que envolve apenas duas)”⁵ (PINES; ARONSON, 1983, p. 110). Parece haver um consenso entre autores como Buss (2000) e Pines e Aronson (1983) de que o ciúme é visto como um fenômeno universal. Entretanto, é preciso evidenciar a distinção entre a definição de ciúme e de inveja: “Como uma reação de proteção a um medo percebido, o ciúme é diferente da inveja, onde uma pessoa deseja algo que não tem. No ciúme, um sujeito protege aquilo que é seu”⁶ (PINES; ARONSON, 1983, p. 109).

Apesar de o ciúme ser um fenômeno universal, conforme acreditam alguns autores, o conceito desse sentimento é diferido pela gama de definições expostas na literatura acerca do tema. De Silva (1997) afirma que o ciúme é uma “apreensão de perder o parceiro ou perder o lugar de afeição do parceiro”⁷ (p. 975). Entretanto, o autor também acredita que o ciúme, por também ser uma demonstração de amor e carinho, é cobiçado por alguns casais. Por isso, ele cita que muitas pessoas, em consultas clínicas, reclamam da falta de ciúme de seus parceiros e afirmam que, muitas vezes, elas agem de maneira a provocar essa situação.

David Buss (2000), em seu livro *A paixão perigosa*, apresenta a definição de ciúme de dois grandes psicólogos. Gordon Clanton (1977, citado por Buss, 2000) define ciúme como “um sentimento de desprazer que se expressa como medo de perda do parceiro ou como desconforto por uma experiência real ou imaginada que o parceiro tenha tido com uma terceira pessoa” (p. 42). Já Daly, Wilson e Weghorst (1982, citados por Buss, 2000) conceituam o ciúme como sendo “um estado que é despertado por uma ameaça percebida para uma relação ou posição valorizada” e que “motiva comportamento apontado para se contrapor à ameaça” (p. 42).

Percebe-se que, para todos os autores citados acima, o ciúme está intrinsecamente relacionado à perda. Entretanto, enquanto De Silva (1997) e

⁵ Tradução do autor: “When we think of a jealousy-producing situation, the obvious conceptualization is that of an interpersonal event involving at least three people (differing from rivalry, which involves only two)”.

⁶ Tradução do autor: “As a protective reaction to such perceived threats, jealousy is different from envy, in which one desires something one does not have: In jealousy one protects what is one's own”.

⁷ Tradução do autor: “(...) jealousy usually arises from the fear of losing the partner or of losing one's place in the partner's affections”.

Clanton (1977, citado por Buss, 2000) não fazem considerações em relação ao comportamento da pessoa ciumenta, Daly, Wilson e Weghorst (1977, citados por Buss, 2000) afirmam que a pessoa ciumenta age de maneira a rebater a ameaça de perda.

Apesar de ser amplamente analisado por grandes psicólogos e estudiosos, existem muitos mitos acerca do ciúme. Um deles é achar que esse sentimento é resultado da “sociedade capitalista”. De acordo com essa teoria, o ciumento trataria a pessoa amada como propriedade pessoal, uma vez que o capitalismo coloca uma recompensa nas posses das pessoas. Entretanto, se isso fosse verdade, homens e mulheres que vivem em uma sociedade capitalista sentiriam igual quantidade de ciúme, e teriam ciúme pelas mesmas coisas. Além disso, pessoas que vivem em sociedades socialistas, como Cuba, não sentiriam ciúme.

Existem outros teóricos que afirmam que o ciúme alega em seu favor a baixa autoestima ou a imaturidade. Logo, segundo essa teoria, pessoas que possuem autoestima elevada ou que são maduras não deveriam ser ciumentas. Portanto, a cura desses defeitos provocaria a eliminação do ciúme. Buss (2000) afirma que, para entender o ciúme, deve-se explorar profundamente o passado evolucionário do homem.

Pines (1992) afirma que o ser humano desenvolve a imagem sobre o amor desde a sua infância, tanto no seu relacionamento com seus pais, quanto no relacionamento dos próprios pais entre si. Portanto, quando adultos, eles tendem a projetar sua imagem sobre o amor na pessoa amada. Além disso, o ser humano também carrega, na fase adulta, conflitos que não foram resolvidos em sua infância. Quando ele se apaixona e esse amor é correspondido, esses conflitos parecem desaparecer. No entanto, quando esse amor é ameaçado, esses sentimentos aparentam vir à tona. Por isso, ele afirma que o ciúme é “a sombra do amor”⁸.

O autor ainda afirma que “o ciúme está situado em algum lugar na área cinza entre a sanidade e a loucura” (PINES, 1992, p. 1)⁹. O autor ainda afirma que algumas relações por parte das pessoas ciumentas são tão naturais que, quando não mostradas, fazem com que elas não pareçam “normais”. Além disso, existem

⁸ Nota do autor: isso explica o fato de o autor utilizar a expressão “The shadow of love” no título de seu trabalho.

⁹ Tradução do autor: “Jealousy lies somewhere in the gray area between sanity and madness”.

outras reações que, por serem tão excessivas, denotam seu caráter patológico. Surge, aí, a diferença entre o ciúme normal e o ciúme patológico.

Apesar de considerar o ciúme como sendo um fenômeno universal, conforme já fora dito anteriormente, Pines (1992) afirma que há dois tipos de ciúme: o ciúme normal e o ciúme patológico. Para ele, o ciúme normal é “baseado em uma ameaça real para a relação”. Já o ciúme patológico “persiste apesar da ausência de qualquer ameaça real ou até mesmo provável” (PINES, 1992, p. 1).

Buss (2000) afirma que a simples presença de rivais que tentam chamar a atenção da parceira, por exemplo, não pode compor, em si, uma ameaça adaptativa. A ameaça só se torna real quando os rivais apresentam um nível igual ou mais elevado de desejabilidade. Logo, o ciúme em cada sexo tende a refletir as preferências de acasalamento impostas pelo sexo contrário. Portanto, se as mulheres buscam companheiros que sejam bem-sucedidos profissionalmente, o ciúme dos homens tende a evoluir para ser ativado por um rival que possua sucesso profissional. Por outro lado, se os homens buscam companheiras jovens e com boa aparência física, o ciúme das mulheres tende a ser mais evoluído a rivais mais jovens ou fisicamente mais encantadoras.

Assim como Pines (1992), o psicanalista Freud (1988) também acredita que o ser humano sente ciúme desde a sua infância. Através do complexo de Édipo, a criança tende à rivalidade para ter atenção exclusiva de sua mãe. Entretanto, diferente do autor, ele descreve três camadas ou graus de ciúme: o *competitivo* ou o normal, o *projetado* e o *delirante*.

O ciúme competitivo ou normal compõe-se, em sua essência, de pesar e sofrimento e antipatia contra o concorrente bem-sucedido. Apesar de ser considerado normal, ele não é completamente racional: ele está enraizado no inconsciente e é uma própria extensão das manifestações iniciais da vida da criança. Ele origina-se, dentre outros fatores, através do complexo de Édipo, como fora explicitado anteriormente.

O ciúme projetado ocorre em casamentos onde a fidelidade se mantém em tentações sucessivas. Por negar essas tentações e tentar aliviar esse sentimento de culpa, o cônjuge projeta seus impulsos de infidelidade no companheiro a quem deve ser fiel. Logo, o cônjuge passa a acreditar que seu companheiro não é tão melhor que ele próprio.

O ciúme delirante é o resultado “de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas de paranoia” (FREUD, 1988. p. 273). Tentando defender contra um intenso impulso homossexual impróprio, o homem tende a acreditar que não é ele quem ama o outro homem, mas, sim, sua esposa. Nesse tipo de caso, podem-se encontrar graus de ciúmes pertencentes a todas as três camadas.

O ciúme patológico, descrito por Pines (1992), também é conhecido como a síndrome de Otelo. Por ser tratar de uma das peças-chave da pesquisa, além de estabelecer a relação entre os aspectos cognitivos da Teoria da Relevância, a Psicologia e a Literatura Ficcional, ele será estudado mais detalhadamente no próximo capítulo.

2.1 A SÍNDROME DE OTELO

De acordo com Buss (2000), o ciúme extremo pode receber muitos nomes: síndrome de Otelo, ciúme patológico, ciúme mórbido, paranoia conjugal, entre outros. Enquanto o ciúme pode ser patológico, a destruição causada por esse sentimento não precisa ser, necessariamente, igualada a patologia. A patologia do ciúme extremado não é o ciúme em si mesmo, mas é o delírio criado por parte do ciumento por achar que seu cônjuge foi infiel, quando na verdade não foi.

Buss (2000) afirma que o ciúme nem sempre é algo destinado a combater uma ameaça verdadeira para a relação, conforme a teoria estabelecida por Pines (1992) no capítulo anterior. Ele pode ser um ato de precaução para evitar que a infidelidade ocorra. Logo, não levar em conta que o ciúme possa adiantar uma possível armadilha no horizonte da relação, faz com que relacionemos o ciúme patológico apenas ao comportamento do cônjuge que ainda não se desgarrou.

O ciúme, para o autor, pode expor os parceiros a um extremo risco. O lado sombrio do ciúme, traduzido por Pines (1992) como a sombra do amor, pode levar os homens a agir com violência de modo a reduzir a probabilidade de traição por parte de suas esposas. Buss (2002) ainda afirma que o ciúme é a causa principal do espaçamento das esposas; entretanto, ele pode ser ainda pior, quando coloca as mulheres em risco de serem assassinadas. Ele diz que “O ciúme pode ser um ácido

emocional que corrói os casamentos, mina a autoestima, desencadeia espaçamentos e leva ao assassinato final” (BUSS, 2000, p. 19).

Entretanto, apesar disso, o autor afirma que o ciúme auxiliou o homem ancestral a solucionar um dilema reprodutivo crucial. Os homens ciumentos conservariam com mais probabilidade a relação com seus filhos do que com os filhos dos seus inimigos. Logo, o homem moderno, descendente de uma linhagem de homens que atuaram de modo a garantir a sua paternidade, carrega consigo a paixão perigosa que levou seus antepassados ao êxito reprodutivo.

Buss (2000) apresenta diversos exemplos sobre a síndrome de Otelo. Segundo ele, Mark e sua mulher apreciavam ler horóscopo juntos. Certo dia, ela percebeu que ele estava lendo sobre um novo signo e, ao lê-lo, sorria em silêncio. Ela suspeitou que ele estivesse tendo um caso paralelo com outra pessoa. Essa paciente foi encaminhada para um psiquiatra e diagnosticada como possuindo a síndrome de Otelo. Entretanto, soube-se, mais tarde, que o esposo estava, de fato, tendo um caso com outra pessoa. Nesse caso, a pessoa diagnosticada com a síndrome de Otelo recolheu pistas, mesmo sem saber articulá-las, a fim de chegar a essa conclusão. Portanto, cria-se, aqui, um paradoxo: como é possível compreender que indivíduos diagnosticados com síndrome de Otelo podem ser perfeitamente apurados em suas inferências sobre a deslealdade de seus companheiros? Seria o ciúme patológico uma perturbação psicológica ou uma sabedoria antiga herdada de nossos ancestrais? Buss (2000) assegura que nem todos os indivíduos diagnosticados de ciumentos delirantes avaliam apuradamente a realidade. Logo, para entender essa dualidade, o autor propõe uma psicologia da administração de erros de inferência.

De acordo com a Teoria de Administração do Erro¹⁰, “a evolução por seleção favorece a dedução que leva ao erro menos custoso a fim de evitar o erro mais custoso” (BUSS, 2000, p. 92). Para ele, existem dois tipos de erros possíveis: inferir uma infidelidade do companheiro quando, de fato, nenhuma ainda aconteceu, ou errar em acreditar que o parceiro lhe é eternamente fiel, quando, na verdade, ele é apaixonado por outra pessoa. Um homem que acusa sua mulher de infidelidade pode estar causando uma crise conjugal no seu relacionamento; entretanto, ele

¹⁰ Em inglês, a Teoria de Administração do Erro chama-se *Error Management Theory* (EMT). Ela foi proposta por David Buss, juntamente com autores como Martie Haselton, da Universidade do Texas e Todd DeKay, do Franklin and Marshall College.

também poderia conduzi-la a aumentar a exposição de fidelidade. Além disso, um ataque de ciúme poderia segurar o parceiro que, de alguma maneira, poderia se desgarrar. Logo, percebe-se que os custos de se cometer esse erro são relativamente baixos em relação aos grandes benefícios que essas situações poderiam vir a ter.

Percebe-se, através dos exemplos acima, que a Teoria de Administração do Erro fornece algumas razões plausíveis para alguns aspectos da síndrome de Otelo. Ela explica o porquê de alguns parceiros terem delírios quanto à fidelidade dos cônjuges quando, na verdade, esses são fieis, além de explicar o porquê de homens e mulheres serem tão sensíveis aos sinais da traição. Entretanto, essa teoria “não explica circunstâncias especiais nas relações que podem acusar um súbito decréscimo de sensibilidade a uma possível traição do parceiro” (BUSS, 2000, p. 94). Buss (2000) afirma que, para explicar essas guinadas psicológicas, é necessário voltar-se para as condições que verdadeiramente prognosticam quando um companheiro pode se desgarrar, como, por exemplo, alguns problemas sexuais na relação, tais como a disfunção erétil, a menopausa masculina, o declínio do desejo sexual dos parceiros, dentre outros. Essas causas mostram como o ciúme pode ser destrutivo quando se faz presente em um relacionamento conjugal. Muitas vezes, ele possui uma fúria indomável em sua sombra, e é essa fúria que pode acarretar comportamentos violentos dos cônjuges, podendo levar à morte dos parceiros ou ao suicídio.

Buss (2000) acredita que os atos violentos contra os parceiros são uma maneira de tentar repreendê-los e controlá-los. Através da violência, o homem demonstra a sua parceira que os atos de infidelidade possuem um preço árduo. Dessa maneira, ele tenta reduzir a probabilidade de ser traído. Caso ele não consiga impedir a traição, ele tenta, através desses atos, evitar o abandono. O autor afirma que são muitas as mulheres que, mesmo sendo espancadas e buscando um abrigo para se livrar dos maridos, voltam a seus parceiros em decorrência da ameaça de violência posterior. Deve-se, portanto, tentar entender o porquê de o ciúme desencadear atos violentos que podem levar à morte.

Buss (2000), em seu livro *A paixão perigosa*, cita o trabalho dos autores Martin Daly e Margo Wilson, que propuseram a “hipótese do escorregão”, para tentar explicar o assassinato de parceiras. Segundo essa teoria,

[...] o homicídio conjugal não é adaptativo e nem jamais foi adaptativo. Em vez disso, os cadáveres resultam de escorregões num jogo perigoso de manobrar uma situação arriscada até os limites da tolerância. Os homens usam violência para controlar as mulheres e impedi-las de partir, segundo esse argumento. A fim de tornar as ameaças verossímeis, violência real tem que ser usada. Às vezes a violência sai do controle e resulta numa esposa morta. (p. 140)

Entretanto, Buss (2000) afirma que muitos homicídios parecem ser premeditados, e não meramente um escorregão. Portanto, ele propõe em seu livro *A paixão perigosa*, juntamente com Joshua Duntley, uma alternativa a essa proposta: a chamada Teoria do Módulo Homicida Evoluído. Segundo eles, (a) os homens evoluíram um mecanismo psicológico para matar a cônjuge. Portanto, o homem que tivesse várias esposas poderia matar aquela que o traísse. Isso inibiria as outras de praticarem o mesmo ato; (b) a honra de um homem ficaria manchada com a traição por parte de sua parceira. Portanto, matar a esposa seria sinônimo de recuperar a honra perdida; (c) a infidelidade uma mulher poderia trazer ao homem dúvidas quanto à paternidade. Isso faria com que ele tivesse custos desnecessários. Portanto, matar a mulher seria um meio de estagnar as despesas e de prejudicar o êxito reprodutivo do adversário; (d) a própria questão da perda faria com que os homens matassem suas mulheres.

Logo, após o estudo desses autores, pode-se concluir que o homicídio nada mais é do que um artifício adaptativo do homem para reduzir o custo da rejeição e da perda. Em Utah e no Novo México, o marido que encontrasse sua companheira nua e com outro homem na cama e os assassinasse era absolvido, uma vez que, na visão do tribunal, isso não representara um crime. A própria lei histórica inglesa revela exemplos semelhantes: o homem que matasse sua esposa adúltera era isentado da acusação de assassinato culposo ou involuntário, uma vez que os ingleses acreditam que não pode existir provocação maior que essa.

Até aqui, realizou-se uma pesquisa teórico bibliográfica acerca da relevância, do processo inferencial e do conceito de ciúme, realizando uma interface entre esses campos de estudo. Para isso, utilizou-se autores como Sperber e Wilson (1995), Campos (1998), Buss (2000), Pines (1992), dentre outros. No próximo capítulo, far-se-á, com base nos conceitos estudados, uma análise do filme e da personagem Otelo.

3 AMEAÇA E DEFESA: O INPUT E O OUTPUT

Buss (2000) afirma que dispositivos como o ciúme têm três elementos basilares: *input*, procedimentos para processar informações e *output*. Apesar de as ameaças às relações românticas exporem diversos tipos de problemas adaptativos, pode-se pensar nas defesas evoluídas do mesmo modo.

Em primeiro lugar, existem *inputs* que mostram à pessoa que ela está encarando uma ameaça. Dentre os principais tipos de *inputs*, Buss (2000) destaca:

- (a) os cheiros estranhos que o parceiro pode sentir;
- (b) a súbita mudança de desejo sexual do parceiro;
- (c) a iniciação de uma nova técnica sexual;
- (d) os telefonemas misteriosos que são desligados;
- (e) o prolongado contato visual entre o cônjuge e um membro do sexo oposto.

Segundo Sperber e Wilson (1995), os *inputs* acima poderiam ser classificados em¹¹:

- (a) *input* olfativo.
- (b) *input* tático.
- (c) *input* táctico.
- (d) *input* visual e linguístico.
- (e) *input* visual.

Após os *inputs*, Buss (2000) afirma que a próxima etapa requer um processamento complexo em que cabe à pessoa traída avaliar os fatos observados. Nesse momento, ela deve buscar em sua memória outros sinais do passado, deve analisar se a infidelidade já ocorreu ou os sinais mostram que ela poderá ocorrer ou se a suspeita é simplesmente tola, uma vez que votos de união eterna foram feitos. Segundo Sperber e Wilson (1995), quando o indivíduo busca em sua lembrança outros sinais do passado, ele está ativando suposições estocadas em sua memória. Essas suposições podem fortalecer ou enfraquecer as suspeitas do indivíduo.

Buss (2000) acredita que as inferências sobre o adultério de um companheiro solicitam um conjunto de dispositivos processadores de informação:

¹¹ A classificação foi feita de acordo com o *input* que predomina em cada exemplo. Nada impede que cada situação possua mais de um *input* envolvido. Em muitos deles, o *input* linguístico está quase sempre envolvido.

estar atento a certos conjuntos de pistas, fazer inferências baseadas neles e relacioná-los a outra informação circunstancial. Entretanto, segundo o autor, esse processamento de informações não se dá de maneira fria e racional, em que a pessoa traída faz hipóteses e cálculos sem paixão. Esse processo vem acompanhado de emoções como humilhação, ansiedade, depressão, fúria e medo, que são vitais para a idealização dessa articulação de defesa.

O *output*, ou seja, a ação do indivíduo, é necessário para combater a ameaça de perda. Essa ação não se resume apenas a perceber que a ameaça existe. Mais que isso, as reações do indivíduo são muito complexas e diversificadas: elas partem do mais básico – a vigilância excessiva do indivíduo – até o mais complexo – a violência explosiva. Essa violência explosiva pode se desdobrar em diversas tentativas de homicídio e suicídio. Essas tentativas de suicídio e homicídio, presentes na obra de William Shakespeare, “evocam sentimentos de dor, pena e tristeza”¹² (CUDDON, 1998, p. 651) nos leitores. A esse recurso, muito utilizado por grandes autores, damos o nome de *pathos*. A palavra *pathos* tem origem grega e significa sofrimento, sentimento.

O plano de defesa e o comportamento do indivíduo – caracterizado, basicamente, pelo *input*, pela informação e avaliação dos fatos e pelo *output* – colocam em xeque um dos conceitos basilares da Teoria da Relevância, que é centrado na informação objetiva: a relação custo-benefício. Jorge Campos (2008) afirma que o peso do benefício emocional é um dos “fatores que podem gerar desequilíbrios na produção e recepção de inferências relevantes em caso de conflito com os aspectos informativos de um determinado evento comunicativo” (p. 20). Logo, segundo ele, “um indivíduo ciumento A, por exemplo, pode, dada a alta relevância emocional para ele, inferir x como alternativa para y, informativamente mais relevante” (p.20).

Esse exemplo mostra o quanto a Teoria da Relevância, que é aplicada perfeitamente em contextos comunicativos focados na informação objetiva, deve adaptar-se às mais diferentes situações de uso. É preciso destacar, portanto, que a relação custo/benefício de uma pessoa ciumenta pode ser diferente da relação custo/benefício de uma pessoa não ciumenta. Logo, o que é relevante para uma pessoa pode não ser, necessariamente, relevante para outra.

¹² Tradução do autor: “That quality in a work of art which evokes feelings of tenderness, pity or sorrow”.

Além disso, segundo a Teoria de Administração do Erro, exposta no capítulo anterior, o indivíduo deve estar atento à relação de custo-benefício que terá ao cometer uma crise de ciúme. Ele precisa ter uma reação segura que, em caso de erro, coloque em risco, o menos possível, o seu relacionamento. Sendo assim, Buss (2000) acredita que a vivência do ciúme pode ser psicologicamente dolorosa: apesar de ser considerado um sentimento negativo, é ele que, muitas vezes, alerta as pessoas para as ameaças reais e para os rivais verdadeiros que podem existir em uma relação.

O autor afirma que vivemos em um mundo de incertezas, ao redor de um caos que faz com que precisemos fazer inferências sobre uma realidade não vista. De acordo com o processo evolucionário, muitos erros inferenciais foram mais custosos que outros. No passado, era mais vantajoso – e, portanto, de maior benefício – acusar erroneamente um companheiro inocente de traição do que deixar de detectar uma infidelidade.

As marcas do passado estão entranhadas na história do povo atual: nosso sistema ultrasensível faz com que acionemos nossos mecanismos de defesa ao descobrirmos uma infidelidade, até mesmo quando ela é somente baseada em pistas, e não em uma prova concreta. Aliado ao ciúme, nossa evolução equipou-nos com diversos sentimentos: a inveja, a fúria, a humilhação, o amor e a paixão. Logo, é preciso, segundo o autor, que o conhecimento que vem com uma densa análise de nossas paixões perigosas nos dê sabedoria emocional.

4 UM OLHAR SOBRE OTELO¹³

Nesse capítulo, apresentar-se-á um breve resumo do filme *Otelo*, baseado na obra homônima do escritor William Shakespeare e cuja direção é de Oliver Parker. Em seguida, far-se-á um estudo de algumas cenas do filme utilizado, as quais servirão de base para exemplificar as observações teóricas realizadas nesse trabalho. Dessa maneira, busca-se compreender de que maneira o ciúme desencadeia as inferências e atitudes da personagem principal da obra de Shakespeare.

4.1 RESUMO DO FILME

O filme *Otelo*, produção estadunidense e britânica de 1995, tem o inglês como seu idioma original. O drama, adaptação da obra de Shakespeare, tem os atores Laurence Fishburne e Irène Jacob nos papéis de Otelo e Desdêmona, respectivamente.

O enredo inicia-se com a conspiração entre Iago, alferes de Otelo, e Rodrigo, fidalgo veneziano apaixonado por Desdêmona, que tentam achar uma maneira de contar a Brabâncio, senador de Veneza, que sua filha Desdêmona casara-se com Otelo. Movido por um sentimento de inveja e raiva, Iago enfurece-se pelo fato de Otelo promover Cássio (e não ele) ao cargo de tenente.

Perplexo, pelo fato de sua filha ter escolhido o mouro como marido, Brabâncio procura Otelo para matá-lo. Nesse momento, chega até eles um comunicado do Doge de Veneza, que os convocava para uma reunião no senado. Nessa reunião, Brabâncio acusa Otelo de conquistar Desdêmona por meio de feitiçaria. No entanto, Otelo relata a história do dia em que ele e Desdêmona se conheceram e do quanto se amam. A moça confirma a história do mouro, e ambos, no dia seguinte, seguem para a ilha de Chipre. Já na ilha, Otelo diz aos companheiros que a guerra havia acabado, uma vez que a tempestade destruíra a embarcação dos turcos. Entretanto, ele não esperava que enfrentaria um inimigo mais perigoso que os turcos: o seu próprio ciúme.

¹³ Otelo, no título desse capítulo, refere-se tanto ao filme quanto à personagem homônimos.

Na ilha, Iago, que não gostava nem de Otelo nem de Cássio, resolve tramar um plano para separar o mouro de sua esposa. Durante uma festa, ele leva Cássio a se embriagar e envolver-se em uma briga com Rodrigo. Sabendo do ocorrido, Otelo derruba Cássio do posto de tenente. Essa é a deixa para que Iago inicie seu plano para colocar o mouro contra o ex-tenente. Ao mesmo tempo em que ele convence Cássio a pedir que Desdêmona o ajude a reconquistar seu cargo, ele insinua a Otelo que o ex-tenente e a moça poderiam estar tendo um caso. Nesse momento, Otelo passa a desconfiar de sua esposa.

Sem saber em quem acreditar, Otelo pede a Iago que lhe dê provas sobre a traição ocorrida. Iago, por sua vez, consegue um lenço de linho de Desdêmona – dado a ela pelo mouro, que acreditava ser o lenço enfeitado e que, portanto, a sua posse estaria veiculada à felicidade do casal – e coloca no quarto de Cássio. Ao ser questionada por Otelo, Desdêmona não sabe explicar ao marido o que acontecera com o lenço.

Além disso, Iago faz com que Otelo, escondido, ouça uma conversa entre ele e Cássio. Os dois rapazes falam sobre Bianca, amante do ex-tenente. Entretanto, Otelo, ouvindo apenas trechos da conversa, pensa que eles estão falando sobre Desdêmona. Em seguida, Bianca surge até o local onde eles estão e dá o lenço de linho a Cássio. Ao ver o lenço nas mãos de Cássio, Otelo não tem mais dúvidas de que estava sendo traído por sua esposa.

Mostrando fidelidade a seu general, Iago promete matar Cássio como forma de vingança, mas não obtém sucesso e deixa-o apenas ferido. Para impedir que seu plano seja revelado, Iago consegue matar Rodrigo. Já Otelo, movido pelo ciúme e pela raiva, mata Desdêmona em seu quarto. Vendo sua senhora assassinada injustamente, Emília, esposa de Iago e serviçal de Desdêmona, decide revelar a todos os presentes da armação em que Otelo caíra. Iago mata sua esposa e, em seguida, foge, mas é logo apanhado. Otelo, desesperado por descobrir que matara sua parceira injustamente, apunhala-se, beija sua mulher e cai morto perto dela. Iago morre no mesmo leito em Desdêmona, Otelo e a criada faleceram. Cássio assume o cargo de Otelo, e os corpos de Otelo e Desdêmona são jogados ao mar.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como esse trabalho envolve a Pragmática, é preciso verificar o ciúme de Otelo desde sua raiz. Isso explica o fato de serem analisadas diversas cenas que aguçaram o ciúme na personagem. As teorias propostas em pragmática linguística, que “formam uma intrincada rede de relações com estudos sintático-semânticos” (FELTES; SILVEIRA, 2002, p. 37), aliadas a campos da psicologia cognitiva, como atenção, processos inferenciais, processamento de informações, dentre outros, e a teorias sobre o ciúme, mostrarão como os processos inferenciais e as atitudes de Otelo são desencadeadas ao longo do filme.

Logo no início do filme, Brabância, pai de Desdêmona, acusa Otelo de enfeitiçar sua filha para que ela se apaixonasse por ele. Entretanto, Otelo conta a Brabância a história de como os dois se conheceram.

OTELO: Seu pai me amava e amiúde me convidava a descrever a história da minha vida, ano após ano... As batalhas, cercos e fortunas nos quais incorri, desde minha meninice até quando ele pediu que os relatasse. Falei de acasos assaz desastrosos de episódios pungentes em dilúvios e batalhas, fugas por um triz das fauces da morte, de como fui por insolentes inimigos capturado e vendido como escravo, dos canibais que uns aos outros devoram os Anthropophagi e de homens cuja cabeça desponta sob seus ombros. Tais coisas ouvindo, Desdêmona muito se interessava e, com ouvido afoito, devorava meu discurso. Ao observar isso, no momento adequado, pude com bons meios obter dela uma franca súplica para que eu narrasse toda a minha peregrinação. O esforço ela retribuiu com um mundo de suspiros. Jurou por sua fé que era tudo estranho, mais do que estranho, comovente... Maravilhosamente comovente. Ela me amou pelos perigos que enfrentei, e eu a amei por ter-se com eles comovido. Essa foi a única feitiçaria que usei.¹⁴ (ANEXO A)

Percebe-se, nesse trecho, que o próprio Otelo acredita ter conquistado Desdêmona pelas façanhas que cometera. Portanto, para ele, Desdêmona o vê como um herói, e o feitiço usado por ele fora, simplesmente, a sua coragem e a sua destreza. O pai de Desdêmona, com raiva, chama a filha e pergunta a quem ela deve obediência:

BRABÂNCIO: Discernis, entre todos os presentes, aquele ao qual deves maior obediência?

DESDÊMOMA: Meu nobre pai, a vós estou ligada pela vida e pela educação. Tanto uma quanto a outra me ensinaram a respeitar-vos. Sois o

¹⁴ Todas as cenas presentes no corpo do trabalho foram traduzidas observando legenda do filme em Língua Portuguesa, com as devidas adaptações aos padrões gramaticais normativos. Os trechos originais, em Língua Inglesa, estão nos anexos desse trabalho.

senhor de todo o meu dever. Até hoje fui sua filha, mas eis o meu esposo e dedicação igual àquela que minha mãe vos demonstrou ao vos preferir ao seu pai, ousou dizer que me cabe professar ao mouro, meu senhor. (ANEXO B)

Através da pergunta de Brabâncio, cria-se um conjunto de suposições que afirma: “Brabâncio espera que Desdêmona responda que lhe deve obediência”. Desdêmona, através do Princípio Comunicativo da Relevância, dirige sua comunicação a seu pai, acreditando que é relevante aquilo que lhe tem a comunicar. A fala de Desdêmona (informação nova), contextualizada no conjunto de suposições (informações velhas), enfraquecem a suposição de Brabâncio e criam a seguinte implicação contextual: “Desdêmona acredita que deve obediência a Otelo, seu marido”. Desdêmona teve sua intenção informativa reconhecida, pois seu pai dirige-se a Otelo da seguinte maneira:

BRABÂNCIO: Usa a visão, mouro, se é que tens tal sentido. Ela iludiu-me e pode iludir o marido.

OTELO: Minha vida pela sua fé. (ANEXO C)

Brabâncio alerta o mouro de fique atento aos *inputs* visuais que possam vir a mostrar que Desdêmona o está traindo, assim como ela fizera com ele, seu pai. Otelo, acreditando na fidelidade de sua esposa, que o vê como herói, não dá ouvidos a Brabâncio. Do contrário, ele pede a Iago:

OTELO: Bom, Iago, minha Desdêmona devo confiar a ti. Que tua mulher lhe sirva: leva as duas consigo com o conforto possível. (ANEXO D)

Através dessa fala, percebe-se que Otelo confia em Iago. Além disso, infere-se que a mulher do alferes do mouro era serviçal de Desdêmona. Após esse acontecimento, Iago, sozinho, fala consigo mesmo:

IAGO: Odeio o mouro e supõe-se, além-mar, que em meus lençóis ele tenha feito meu ofício. Não sei se isso é verdade, mas, pela mera suspeita desse fato, agirei como se certamente eu soubesse. Ele me quer bem, o que melhor garante o meu propósito. Cássio é um homem correto. Vejamos, agora, pra obter o seu posto e galardoar minha vontade com dupla malícia. Como? Como? Já sei. Está engendrado. O inferno e a escuridão este monstruoso plano parirão. (...) Com uma teia tão pequena, hei de capturar esse moscão que é Cássio. (ANEXO E)

Em muitas cenas do filme, Iago, ao tramar seus planos, parece conversar consigo mesmo e com o telespectador. A fala acima revela que Iago acredita, mesmo sem qualquer *input* comprovador de sua crença, que Desdêmona e Otelo

tiveram relações sexuais. Ele ainda revela sua inveja ao dizer que usará Cássio, uma pessoa ingênua, para separar o mouro e sua esposa e conseguir o posto de tenente. Seus objetivos ficam claros através da expressão “dupla malícia”, que sintetiza seus dois sentimentos de ambição. A confiança de Otelo em Iago, expressa na fala anteriormente apresentada, confirma-se, também, na fala de Iago.

Em uma festa, Iago convence Cássio a beber. Bêbado, Cássio briga com Rodrigo e é destituído de seu posto por Otelo. Iago, então, passa a assumir o cargo de tenente. Logo, a “dupla malícia” de Iago é parcialmente alcançada: com o cargo que almejava em mãos, ele dá início ao seu plano de separar o mouro e Desdêmona. Primeiro, ele convence Cássio a ir falar com Desdêmona, para que o ajude a conseguir seu posto novamente.

Durante a conversa entre Desdêmona e Cássio, Otelo e Iago aparecem. Ao ver os dois conversando, Iago faz, sutilmente, uma insinuação a Otelo que, a princípio, parece não captá-la.

IAGO: Não gosto disso.

OTELO: O que disseste?

IAGO: Nada, meu senhor. (ANEXO F)

Em seguida, Desdêmona diz a Otelo que ela estava ouvindo as súplicas de um homem honesto que o amava. Após essa conversa, Otelo e Iago vão treinar algumas lutas. Durante o treino, ocorre a seguinte conversa:

IAGO: Meu nobre senhor...

OTELO: O que dizes, Iago?

IAGO: Quando cortejastes minha dama, Cássio sabia de vosso amor?

OTELO: Sabia, do início ao fim. Por que perguntas?

IAGO: Apenas para satisfazer meu pensamento, nada mais.

OTELO: Em que estás pensando, Iago?

IAGO: Eu não sabia que ele a conhecia então.

OTELO: Conhecia, sim, e amiúde foi nosso mensageiro.

IAGO: Deveras?

OTELO: Deveras. Sim, deveras. Discernes algo nisso? Ele não é honesto?

IAGO: Honesto, meu senhor?

OTELO: Honesto, sim, honesto.

IAGO: Pelo que sei...

OTELO: O que achas?

IAGO: O que acho?

OTELO: “O que acho?” Pelos céus, parece um eco. Tens algo a me dizer. Se me amas, revela-me teu pensamento. (ANEXO G)

Otelo, até então, não estava tomado pelo ciúme. De uma maneira superficial, pode-se analisar que, mesmo Cássio chamando Otelo e direcionando-lhe

sua fala, o que supostamente teria a presunção de uma relevância ótima, não há intenção comunicativa entre os falantes, uma vez que o desejo de Cássio – ter sua intenção informativa reconhecida por Otelo – não acontece. Esse é o motivo pelo qual Otelo diz: “Em que estás pensando, Iago?” e “Pelos céus, parece um eco. Tens algo a me dizer. Se me amas, revela-me teu pensamento”.

Entretanto, deve-se estar atento ao fato de que a intenção de Cássio possa ser exatamente esta: ele busca não ser exatamente ostensivo em sua informação, para que o mouro não pense que ele esteja tramando algo. Desse modo, Iago faz com que Otelo busque a informação desejada a qual, combinada à cena que ele vira anteriormente de Desdêmona e Cássio juntos, faça com que ele comece a desconfiar da fidelidade de sua esposa. Eles continuam dialogando:

IAGO: Senhor, sabeis que vos amo.

OTELO: Acho que amas, pois sei que és cheio de amor, de honestidade e que ponderas tuas palavras antes de dar-lhes hálito. Portanto, essa tua hesitação só me assusta mais.

IAGO: Quanto a Cássio, ousa jurar que ele é honesto.

OTELO: Eu também acho.

IAGO: Os homens devem ser o que parecem. Aqueles que não o são também não deveriam aparentar.

OTELO: Certamente, os homens devem ser o que parecem.

IAGO: Então acho que Cássio é honesto.

OTELO: Não, há algo mais nisso! Eu imploro, fala como se estivesses pensando. Enquanto ruminas, dá às tuas piores ideias as piores palavras.

IAGO: Por caridade. Posso estar sendo perverso em minha suposição, pois confesso que é uma sina da minha natureza vigiar abusos, e meu ciúme, muitas vezes, cria delitos que não existem. Por favor, pois: não ajudaria vossa paz nem vosso bem, tampouco minha hombridade, sabedoria e honestidade revelar meus pensamentos.

OTELO: O que queres dizer?

IAGO: O bom nome de um homem ou de uma mulher, senhor, é a joia suprema de sua alma.

(...)

OTELO: Pelos céus, saberei o que pensas.

(Otelo coloca uma arma no peito de Iago) (ANEXO H)

Nesse trecho, fica claro que Iago, não dando a informação de modo direto, induz Otelo a chegar até a informação que ele quer dar ao mouro. No próximo trecho, Iago fala de ciúme antes mesmo de Otelo supor alguma coisa. Isso mostra que agora, de maneira ostensiva, ele espera que Otelo reconheça sua intenção informativa. E Iago obtém sucesso.

IAGO: Não podeis, ainda que tirásseis meu coração, e não sabereis enquanto ele estiver comigo. Cuidado, meu senhor, com o ciúme! É um monstro de olhos verdes que zomba da carne que devora.

OTELO: Por quê? Por que dizes isso? Achas que devotaria minha vida ao ciúme, seguindo até as mudanças da lua com novas suspeitas? Não! Estar

uma vez em dúvida é de uma vez ter certeza. Mas não deixarei que meus poucos méritos me levem a temer ou cismar de que ela se revolte, pois tem olhos e me escolheu. Não, Iago, quero ver antes de suspeitar. Quando eu suspeitar, prove. Trazida a prova, não haverá senão isto: que acabem logo o amor e o ciúme.

IAGO: (...) Ainda não falo de provas. Vigiai vossa esposa. Observai-a bem com Cássio. Vigiai. Conheço bem o caráter de nosso país. Em Veneza, elas permitem que o céu veja os deboches que não mostram para seus maridos. A consciência não lhes dita que deixem de fazer, mas que não se deixem descobrir.

OTELO: Achas mesmo?

IAGO: Ela enganou o pai ao desposar-vos e, quando parecia temer vossa aparência, na verdade, amava-a.

OTELO: Amava mesmo.

IAGO: Ora, esqueçais, então. Mas eu sou o culpado. Rogo humildemente vosso perdão por vos amar demais.

OTELO: Estou ligado a ti para sempre.

IAGO: Vejo que isso agitou o vosso espírito.

OTELO: Nem um pouco, nem um pouco. (ANEXO I)

Nesse trecho, há diversas suposições que, combinadas com os conhecimentos de mundo de Otelo, levam-no a crer que Desdêmona pode estar traindo-o. Primeiramente, Otelo afirma que estar em dúvida é ter certeza. Entretanto, ele afirma que não a acusará sem provas, pois ela o escolhera. Percebe-se, aqui, que Otelo reafirma que Desdêmona o escolhera por suas qualidades. Através dessa fala, ele demonstra que não se deixará abater por um ciúme patológico, que persiste, conforme Pines (1992), sem a ausência de uma ameaça verdadeira ou provável.

Vendo que Otelo ainda não duvidava, de fato, de Desdêmona, e que, portanto, seu ciúme não persistia sem a ausência de uma ameaça real, Iago decide afirmar ao mouro que ainda não falava de provas, mas que ele devia vigiar a sua esposa. Logo, fortalecendo a suposição de Otelo, ele quis mostrar ao mouro que era seu amigo e que ambos dividiam a mesma opinião.

Entretanto, para continuar seu plano, Iago ainda oferece um *input* linguístico a Otelo: “Ela enganou o pai ao desposar-vos e, quando parecia temer vossa aparência, na verdade, amava-a”. Através de sua fala, Iago relembra Otelo de uma situação em que ele vivera: o pai de Desdêmona, ao perceber que perdera sua filha para o mouro, diz a Otelo:

BRABÂNCIO: Usa a visão, mouro, se é que tens tal sentido. Ela iludiu-me e pode iludir o marido. Minha vida pela sua fé!¹⁵ (ANEXO J)

¹⁵ Essa cena já fora apresentada, anteriormente, neste capítulo. Ela fora exposta novamente pelo autor, devido a sua importância para o ato comunicativo em questão.

Quando Brabâncio disse isso, Otelo não possui nenhum *input* de que Desdêmona o pudesse trair. Entretanto, as falas de Iago nesse contexto comunicativo, aliadas ao conhecimento de mundo de Otelo, fazem com que o mouro coloque em dúvida a fidelidade de sua esposa. Logo, verificou-se, conforme Sperber e Wilson (1995) postularam, que o contexto foi selecionado e fez parte do processo de interpretação de enunciado, e não dado de antemão.

Ao se despedir, Otelo diz a Cássio:

OTELO: Se notares algo mais, avisa-me. (...) (Em seguida, questiona-se sobre a fidelidade de Desdêmona) Por que me casei? (ANEXO K)

Durante a conversa com Iago, Otelo imagina Desdêmona e Cássio se beijando. Além disso, as duas últimas falas de Otelo representadas acima revelam que ele começa a duvidar do amor e da fidelidade de sua esposa. Otelo tem medo de perder sua parceira, ou perder o seu lugar de afeição por parte de sua parceira, que é exatamente a definição de ciúme defendida por De Silva (1997) nesse trabalho.

Após os questionamentos de Otelo, Desdêmona e sua criada aparecem no quarto onde o mouro está e o convidam para jantar. Desdêmona deixa um lenço que ganhara de Otelo em cima da cama, e a criada o pega e o dá para Iago, seu marido. Iago, por sua vez, dá o lenço para Bianca, esposa de Cássio. Em seguida, ele diz a Otelo que ouviu falar sobre Desdêmona quando estava sonhando:

IAGO: Deitei-me com Cássio e, sofrendo de uma forte dor de dente, não consegui dormir. Há um tipo de homem cuja alma é tão aberta que, quando dorme, murmura seus segredos. Desse jaez é Cássio. No sono, ouvi que ele dizia: “Doce Desdêmona, tomemos cuidado, ocultemos nossos amores.” E então, senhor, ele tomou e apertou a minha mão, gritando: “Doce criatura!” E me beijou com força como se arrancasse beijos das raízes que crescem nos meus lábios. Depois, pôs sua perna sobre minha coxa, suspirou, beijou-me e gritou: “Amaldiçoado destino que te entregou ao mouro!”. (ANEXO L)

Otelo chama Cássio de monstruoso. Através de seu relato, Iago fortalece as suposições de Otelo de que Desdêmona o está o traindo. A descrição em detalhes de como poderia ter sido a relação entre Desdêmona e Cássio formam um conjunto de *inputs* linguísticos que desencadeia uma desconfiança ainda maior na personagem, tanto que o mouro chama Cássio de monstruoso.

Entretanto, Iago usa o mesmo artifício usado por Otelo anteriormente e diz que eles ainda não podem acusar Desdêmona de traição, uma vez que eles não

possuem provas, somente suposições feitas através de *inputs* linguísticos. No entanto, ele diz a Otelo:

IAGO: Já vistes um lenço decorado com morangos na mão de vossa esposa?

OTELO: Eu lhe dei um assim. Foi meu primeiro presente.

IAGO: Não sabia disso. Mas um lenço assim, tenho certeza de que era esse, vi Cássio hoje usando para secar sua barba.

OTELO: Se isso for verdade... (ANEXO M)

Com um *input* visual, Iago conseguira, de fato, provar a Otelo que ele havia sido traído. Enquanto isso, Desdêmona conversa com sua criada e a questiona sobre onde poderia ter deixado seu lenço:

DESDÊMOMA: Onde terei deixado aquele lenço, Emília?

EMÍLIA: Não sei, madame.

DESDÊMOMA: Acredita, eu preferiria perder uma bolsa cheia de cruzados. Se meu nobre mouro não tivesse a mente clara e não fosse livre da baixaza das criaturas ciumentas, isso bastaria para trazer-lhe maus pensamentos. (ANEXO N)

Emília mentiu a Desdêmona, pois fora ela quem pegara o lenço de sua patroa. Através da fala de Desdêmona, infere-se que ela realmente acredita no amor do mouro. Entretanto, percebe-se, também, que ela considera a posse do lenço como forma de mostrar a seu marido que lhe é fiel. Através do diálogo entre Otelo e Desdêmona, exposto abaixo, infere-se que o mouro compartilha da mesma opinião de Desdêmona, considerando o objeto como forma de lealdade. Entretanto, não se sabe, aqui, se Otelo realmente dá essa extrema importância ao objeto, ou se ele simplesmente foi atrás do lenço devido aos *inputs* linguísticos que recebera de Iago.

OTELO: Aquele lenço foi dado à minha mãe por uma egípcia. Ela era feiticeira, e quase conseguia ler pensamentos. Disse que, enquanto minha mãe o guardasse, seria amada, e meu pai seria totalmente submisso ao seu amor. Mas, se ela o perdesse ou o desse a outro, tornar-se-ia odiosa aos olhos do meu pai, e o espírito dele sairia à caça de novas paixões. Ao morrer, ela mo deu e pediu que, quando os fados me quisessem casado, eu o desse à esposa. Fiz isso, e vós, cuidai bem dele, fazei dele a menina de vossos lindos olhos. Perdê-lo ou dá-lo trariam uma danação incomparável.

DESDÊMOMA: Será possível?

OTELO: É verdade. Há magia em sua trama.

DESDÊMOMA: Então, preferiria jamais tê-lo visto!

OTELO: Por quê?

DESDÊMOMA: Por que falais tão alto e bruscamente?

OTELO: Está perdido? Foi-se? Está jogado por aí?

DESDÊMOMA: Que o céu nos abençoe!

OTELO: Dizer-mo-eis?

DESDÊMOMA: Não está perdido. Mas, e se estivesse?

OTELO: Como?

DESDÊMOMA: Já disse, não está perdido!

OTELO: Trazei-o. Deixai-me vê-lo.

DESDÊMOMA: Posso fazer isso, senhor, mas não o farei agora. É um truque vosso para me distrair de meu apelo. Eu vos imploro, recebei Cássio novamente.

OTELO: Trazei-me o lenço. Minha mente desconfia.

DESDÊMOMA: Jamais encontrareis alguém de maior valor.

OTELO: O lenço!

DESDÊMOMA: Rogo-vos que faleis de Cássio, um homem que a vida toda dedicou sua fortuna ao amor por vós.

OTELO: O lenço!

DESDÊMOMA: Na verdade, vós sois o culpado.

OTELO: Sangue de Deus! (ANEXO O)

Podemos analisar as ações de Otelo, no diálogo acima, através da Teoria de Administração do Erro, que foi proposta por Buss (2000). Antes de tomar qualquer atitude, ele verifica com Desdêmona se os *inputs* que recebera anteriormente são reais. Logo, ele busca a atitude menos custosa a fim de evitar o erro mais custoso. Ao falar com sua esposa, ele a cerca de diversas maneiras e supõe que ela poderia dizer que havia perdido o lenço. Esse é o motivo pelo qual ele diz que, conforme a tradição, a esposa não poderia perder nem dar o objeto. Isso eliminaria qualquer outra tentativa de resposta de Desdêmona, obrigando-a a mostrar o lenço.

Após Otelo dizer que havia magia na trama do lenço, Desdêmona diz que preferia jamais ter visto o objeto. A fala rude de Otelo demonstra que ele inferiu que, se ela preferia não ter visto o objeto mágico, é porque fizera algo de errado. Ao dizer que o lenço não estava perdido, Otelo pede que Desdêmona lhe mostre o objeto, o que lhe forneceria um *input* visual de que sua esposa não o estava traindo. Entretanto, ela desconversa e diz que ele está tentando distraí-la, pois ela quer que Otelo reveja a situação de Cássio – que, por causa da bebida, fora destituído de seu cargo. Otelo, bravo, retira-se de cena.

Ocorre, nessa cena, que não há manifestabilidade mútua entre os falantes. Dessa maneira, o contexto também fica prejudicado, uma vez que informações novas não são acrescentadas durante a situação comunicativa. Otelo não conta a Desdêmona que Iago o envenenou contra Cássio e que, muito menos, de como ele soubera que ela estava sem o lenço. Sem saber como perdera o lenço, Desdêmona não compartilha da mesma situação comunicativa de Otelo, uma vez que não sabe que Iago foi quem alertou seu esposo do ocorrido.

Ingenuamente, Desdêmona, sem saber que o mouro estava tomado pelo ciúme, pede que Otelo reconsidere a posição de Cássio no Estado. Otelo, vendo que Desdêmona defende Cássio, sai bravo do quarto onde estava. Isso mostra que

os dois passaram por diferentes situações, as quais não foram compartilhadas durante a situação comunicativa. Tendo saído Otelo, Emília e Desdêmona conversam:

EMÍLIA: E esse homem não é ciumento?

DESDÊMOMA: Jamais o vi assim antes. (ANEXO P)

A fala de Desdêmona revela que Otelo realmente não compartilhou seu conhecimento de mundo com ela, deixando-a sem entender a reação do marido.

Após a saída de Otelo do quarto, a criada vê Iago, seu marido, atrás da porta do ambiente, e começa a entender que ele dera um sumiço no lenço. Isso se revela por sua fala:

EMÍLIA: Somente em um ano ou dois se conhece um homem. Eles são só estômagos, e nós, comida, nada mais. Comem-nos esfaimadamente, e, quando ficam fartos, arrotam-nos. (ANEXO Q)

Otelo, transtornado por seu ciúme, vai falar com Iago, que lhe prepara uma armadilha. Ele pede que Otelo se esconda e escute a conversa entre ele e Cássio. Entretanto, ao conversar com Cássio, Iago fala sobre Desdêmona e, rapidamente, sobre Bianca, namorada de Cássio. O fato é que Iago fala o nome de Bianca em voz baixa, no ouvido de Cássio. Como Otelo estava escondido e não conseguia enxergar direito, o seu *input* linguístico e visual ficaram prejudicados. Logo, Otelo não vê o cochicho entre os dois e pensa que Cássio está falando sobre Desdêmona.

CÁSSIO: Pobre vagabunda! Acho, por minha fé, que me ama.

OTELO (comenta escondido, sem fazer parte da situação comunicativa):
Vede como ele já se ri!

IAGO: Diz ela que vós haveis de desposá-la. Tencionais fazê-lo?

CÁSSIO: Eu, desposá-la? O quê? Rogo-te que tenhas piedade do meu juízo.

IAGO: Andam dizendo que vós a desposareis.

CÁSSIO: Por favor, sê sincero.

IAGO: Juro por minha honestidade.

(...)

OTELO (comenta escondido, sem fazer parte da situação comunicativa):
Vejo vosso nariz, mas não o cão ao qual hei de atirá-lo.
(ANEXO R)

Essa cena revela como Otelo não conseguia ver Cássio muito bem. Após receber *inputs* linguísticos de que Desdêmona o estaria traindo, Otelo recebe o *input* visual e vê uma parte do corpo de Iago.

Segundo Pines e Aronson (1983), o ciúme é um evento que envolve três pessoas, pelo menos. Essa é a primeira vez, em todo o filme, que Otelo recebe um *input* da pessoa envolvida no triângulo amoroso a qual é acusada de ser o causador

da traição. Apesar de Cássio não estar falando de Desdêmona, Otelo não sabe disso. Portanto, tem-se, aqui, uma prova de que Desdêmona havia sido infiel ao seu marido.

Logo, Otelo não sofre mais de ciúme patológico, uma vez que a ameaça deixara de ser fantasiosa. Tem-se, agora, um ciúme real, pois ele é baseado em uma ameaça que, de fato, existiu. A suposição de Otelo é confirmada por um *input* visual que é dado na cena seguinte: Bianca entra em cena com o lenço que Otelo dera a Desdêmona.

BIANCA (segurando o lenço): De onde saiu isto? É algum presente de uma nova amiga.

CÁSSIO: Não, por minha fé.

BIANCA: De quem é, então?

CÁSSIO: Não sei. Achei-o em meu quarto.

BIANCA: Muito plausível que o tendeis achado em vosso quarto e não saibais quem o deixou! Isso é o presente de alguma regateira. Tomai. Dai-o a vossa égua de montaria, seja ela quem for. (ANEXO S)

Logo, Otelo passa a desencadear algumas de suas atitudes. Quando Otelo e Desdêmona recebem Gratiano, tio de Desdêmona, e Ludovico, primo da moça, Otelo passa a ter um comportamento agressivo com sua esposa.

LUDOVICO: Como está o tenente Cássio?

OTELO: Vivo, senhor.

DESDÊMOMA: Primo, entre ele e meu senhor ocorreu um triste rompimento, mas vós haveis de tudo emendar.

OTELO: Estais certa disso?

DESDÊMOMA: Senhor?

OTELO (lendo a carta que recebera, sem dar importância a Desdêmona): “Não deixeis de fazer isto...”

LUDOVICO: Ele não ouviu. O meu senhor desentendeu-se com Cássio?

DESDÊMOMA: Infelizmente. Eu faria de tudo para reconciliá-los, pelo amor que sinto por Cássio.

OTELO: Fogo e enxofre!

DESDÊMOMA: Senhor?

OTELO: Tendes juízo?

DESDÊMOMA: O que foi? Ele está irado?

LUDOVICO: Talvez tenha sido a carta, pois acho que pedem o seu regresso e põem Cássio no governo.

DESDÊMOMA: Pelos céus, fico feliz com isso.

OTELO: Deveras?

DESDÊMOMA: Senhor?

OTELO: “Fico feliz em ver-vos furioso!”

DESDÊMOMA: Por que, doce Otelo?

(Otelo bate no rosto de Desdêmona)

OTELO: Demônio!

DESDÊMOMA: Eu não mereci isso.

LUDOVICO: Ninguém acreditaria em Veneza, embora eu tenha presenciado. É demais. Pedi-lhe perdão. Ela chora.

OTELO: Mesmo que o mundo fosse inundado por choro de mulher, cada lágrima sua provaria ser de crocodilo. Afastai-vos de mim!

DESDÊMOMA: Eu não ficaria para vos ofender. (ANEXO T)

Nessa cena, observa-se que não há, de maneira alguma, manifestabilidade mútua entre os falantes. Otelo não compartilha seu conhecimento de mundo com Desdêmona, fazendo com que a situação comunicativa e o processo inferencial seja afetado. Esse é o motivo pelo qual Desdêmona diz “Senhor?” diversas vezes durante a conversa: ela não consegue ter relevância ótima, uma vez que não entende por que Otelo lhe pergunta se ela está certa de que ele e Cássio vão se reconciliar e o porquê de seu marido ficar bravo quando ela diz que ama Cássio e quer que os dois fiquem bem.

O próprio Otelo, por possuir um conhecimento de mundo diferente de Desdêmona, faz inferências diferentes do que a moça quis dizer, contrariando a relação custo-benefício proposta pela Teoria da Relevância. Desdêmona elogia Cássio por seus serviços e por ser um homem honesto. Otelo, movido pelo ciúme, infere que sua esposa prefere que Cássio fique em seu lugar no governo, por exemplo. Isso corrobora com o que acredita Campos (1998), já citado neste trabalho: um indivíduo A que é ciumento pode inferir x como alternativa para y, que, dada a alta relevância emocional para ele, venha a ser informativamente mais relevante.

Pines (1992) acredita que o ciúme é a sombra do amor e que, por estar localizado em algum lugar na área cinzenta entre a loucura e a sanidade, pode levar os homens a agir com violência. Otelo demonstra esse comportamento ao bater no rosto de sua esposa. Sem entender o motivo da agressão – devido a Otelo não compartilhar seu conhecimento de mundo com ela –, Desdêmona diz que não merecera isso. Otelo, requisitado a pedir desculpa a ela, diz que suas lágrimas são lágrimas de crocodilo, ou seja, são lágrimas falsas.

Após esse fato, pode-se continuar explicando as ações de Otelo pela Teoria de Administração do Erro, proposta por Buss (2000): ele tenta cometer o erro que lhe custe menos, a fim de evitar um erro que possa acabar com sua relação. Por isso, ele resolve interrogar Emília, a criada de Desdêmona. Através das inferências que ele fará a partir do contexto comunicativo com Emília, ele tentará combinar informações existentes com as informações novas, para fortalecer ou enfraquecer

suas suposições sobre a traição de Desdêmona, podendo, ou não, eliminar suposições contraditórias.

OTELO: Nada vistes, então?

EMÍLIA: Nem ouvi, nem suspeitei.

OTELO: Mas vistes Cássio e ela juntos.

EMÍLIA: Não vi mal nisso. Ouvi cada sílaba que o hálito levou entre eles.

OTELO: O quê? Nunca murmuraram?

EMÍLIA: Nunca.

OTELO: Nem vos mandaram embora para trazer seu leque, suas luvas, nada?

EMÍLIA: Nunca.

OTELO: Estranho. (ANEXO U)

Otelo questiona Emília se ela nunca tivera nenhum *input* visual que pudesse confirmar a traição de Desdêmona. Emília disse que nunca vira nada, bem como nunca tivera nenhum *input* linguístico, apesar de ter ouvido tudo o que eles sempre conversavam. Através da fala de Emília, Otelo infere que, se ela ouviu tudo o que eles sempre conversavam, é porque eles nunca murmuraram, ou seja, conversaram mais de perto. Após verificar que ela nunca saíra de perto de sua companheira em nenhum momento, Otelo coloca-se, novamente, em dúvida, se a traição ocorrera, de fato.

É importante observar que a segunda fala de Otelo não é uma pergunta, mas, sim, uma afirmação. Emília poderia inferir que Otelo não estaria questionando-a sobre isso; como ela já sabia disso, ele queria que ela falasse sobre as atitudes de Desdêmona e Cássio quando estavam próximos um do outro.

Logo, ele passa a ter duas informações contraditórias: como logo afirmara que Otelo e Desdêmona tinham um caso, se a criada de sua esposa, que sempre a acompanhava, nunca vira nada? Para eliminar uma dessas suposições, logo manda a criada chamar Desdêmona. Antes disso, porém, conclui a si mesmo sobre Emília:

OTELO: Ela parece convicta, mas uma simples alcoviteira não pode dizer muito." (ANEXO V)

Através dessa fala, percebe-se que, movido pelo ciúme, ele talvez elimine a suposição de que Desdêmona não o traiu. Além disso, ao chamá-la de alcoviteira, ele quer expressar que não se pode confiar muito no que ela diz. Segue, abaixo, o diálogo que Otelo tem com Desdêmona:

DESDÊMONA: Qual o vosso desejo?

OTELO: Deixai-me ver vossos olhos. Olhai-me no rosto.

DESDÊMONA: Que horrível mania é essa?

OTELO: O que és?
DESDÊMOMA: Vossa esposa, meu senhor. Vossa sincera e leal esposa.
OTELO: Vem, jura-o. Condena-te ao inferno jurando que és honesta.
DESDÊMOMA: O céu verdadeiramente sabe disso.
OTELO: O céu verdadeiramente sabe que és falsa como o inferno.
DESDÊMOMA: Para quem, senhor? Com quem? Como sou falsa?
OTELO: Ó, Desdêmona! Afasta-te!
DESDÊMOMA: Ó dia pesaroso! Por que chorais? Sou eu o motivo dessas lágrimas, senhor?
OTELO: (...) Antes nunca tivesses nascido!
DESDÊMOMA: Ai de mim, que delito ignorado cometi?
OTELO: Esse alvo papel foi feito para que nele se escrevesse “meretriz”? Que delito? Rameira impudente!
DESDÊMOMA: Pelos céus, vós me injustiçais.
OTELO: Não sois uma rameira?
DESDÊMOMA: Não, por minha alma cristã!
OTELO: Como? Não sois meretriz?
DESDÊMOMA: Não, pela minha salvação! (ANEXO W)

O diálogo confirma a hipótese anterior: Otelo eliminaria a suposição de que Desdêmona não o traíra – suposição mais fraca. Percebe-se, aqui, que, por seu conhecimento de mundo, ele infere y quando deveria inferir x. Ele faz diversas perguntas a Desdêmona, mas parece não ficar satisfeito com as respostas de sua esposa. Enquanto ele a chama de meretriz, esperando que ela confesse algo, Desdêmona não tem nada a revelar ao seu marido, pois não mantivera relações com nenhum outro homem. As perguntas que Desdêmona faz – “Para quem, senhor? Com quem? Como sou falsa?” – demonstram que ela não possui o mesmo conhecimento de mundo de Otelo, que, em momento algum, revela o que sabe a sua esposa.

O diálogo abaixo mostra a atitude de Otelo que culmina todas as ações e inferências que o ciúme desencadeou na personagem.

OTELO: Rezastes esta noite, Desdêmona?
DESDÊMOMA: Sim, senhor.
OTELO: Se achais que tendes algum pecado inconfesso ao céu, pedi absolvição por ele já.
DESDÊMOMA: Ai, senhor, o que quereis dizer com isso?
OTELO: Obedecei, e sede breve. Vou aguardar. Eu não mataria teu espírito despreparado. O céu não permita! Não mataria a tua alma.
DESDÊMOMA: Falais em matar?
OTELO: Sim, falo.
DESDÊMOMA: Então, que o céu tenha piedade de mim.
OTELO: Amém, de todo o coração.
DESDÊMOMA: Já que falais assim, espero que não me mateis. Todavia eu vos temo.
OTELO: Pensa em teus pecados.
DESDÊMOMA: São amores que eu vos dedico.
OTELO: E por eles tu morrerás.
DESDÊMOMA: Não é natural matar alguém por amor.
OTELO: Paz, cala-te!

DESDÊMONA: Eu obedeço. Qual é a razão?
OTELO: O lenço que eu te dei, tu deste a Cássio.
DESDÊMONA: Não, por minha vida e alma! Chamai o homem e perguntai.
OTELO: Doce alma, cuidado com o perjúrio. Estás em teu leito de morte.
DESDÊMONA: Sim, mas não para morrer ainda.
OTELO: Sim, agora!
DESDÊMONA: Então, que o Senhor tenha piedade de mim!
OTELO: Eu digo: amém.
DESDÊMONA: E vós, tende piedade também! Nunca vos ofendi em minha vida. Nunca amei Cássio, exceto do modo que o céu me permitia amá-lo! Jamais dei nada a ele!
OTELO: Pelos céus, eu vi meu lenço em sua mão!
DESDÊMONA: Ele o achou, então. Eu nunca o dei. Mandai-o chamar aqui! Deixai que confesse a verdade.
OTELO: Ele já confessou.
DESDÊMONA: O que, senhor?
OTELO: Que te usou.
DESDÊMONA: Como? Ilegitimamente?
OTELO: Sim.
DESDÊMONA: Ele não dirá isso.
OTELO: Não. Sua língua foi silenciada. Mandei que o honesto lago cuidasse disso.
DESDÊMONA: O quê? Ele está morto? Ai de mim, ele foi traído, e eu estou perdida.
OTELO: Rameira! Ousas chorar por ele diante de mim?
DESDÊMONA: Expulsai-me, senhor, mas não me mateis!
OTELO: Quieta, rameira!
DESDÊMONA: Matai-me amanhã. Deixai-me viver esta noite.
 (Desdêmona abraça Otelo e, em seguida, tenta esquivar-se dele.)
OTELO: Não! Se resistires...
DESDÊMONA: Só meia hora!
OTELO: Está feito, não há mais tempo.
DESDÊMONA: Só enquanto faço uma prece!
OTELO: Tarde demais. (ANEXO Y)

Quando Otelo diz “Eu não mataria teu espírito despreparado.”, Desdêmona infere que seu marido a matará. Entretanto, ao pedir piedade, Otelo diz “Amém, de todo o coração.”, o que leva Desdemônia a crer que ele, talvez, não a matará. É preciso, portanto, que ela elimine a suposição mais fraca. Quando Otelo diz que Desdêmona morrerá por seus pecados, ela elimina a suposição mais fraca – de que Otelo não a mataria –, e tenta entender por que motivo Otelo decidiu tomar essa atitude. Somente agora, Otelo compartilha seu conhecimento de mundo com Desdêmona e diz que ela dera o lenço a Cássio. Ela nega, embora percebamos que Otelo infere y quando deveria inferir x.

Portanto, verifica-se, aqui, que o ciúme, antes patológico e depois normal, agiu como um ácido emocional que corroeu o casamento de Otelo e Desdêmona, minando a autoestima do mouro e levando-o ao assassinato final de sua esposa, conforme Buss (2000) afirmara. Ainda conforme Buss (2000), os *inputs* recebidos por Otelo requereram uma etapa de processamento complexo, quando ele

avaliou os fatos observados. Durante essa etapa, Otelo ativou seus conhecimentos de mundo, aliando-os aos conhecimentos dados durante a situação comunicativa. Esse processamento – estar atento a certos conjuntos de pistas, fazer inferências baseadas neles e relacioná-los a outra informação circunstancial –, conforme já exposto no presente trabalho, não se deu de maneira fria e racional. Esse processo esteve, a todo tempo, acompanhado de emoções que o ciúme desencadeia: humilhação, depressão, fúria, medo...

A ação de Otelo, matar Desdêmona, foi o *output* escolhido pelo personagem para combater sua ameaça de perda. Além de matar Desdêmona, ele mandou assassinar o suposto amante de sua esposa, Cássio – fato em que não obtivera sucesso – e se matou. No leitor, segundo Cuddon (1998), essa cena pode causar sentimentos de aflição, tristeza e dor. Como já fora explicitado, dá-se o nome de *pathos* a esse recurso utilizado pelo autor. Além disso, segundo Buss (2000), por vivermos em um mundo de incertezas, devemos fazer inferências, muitas vezes, sobre uma realidade não vista. Otelo, em muitos momentos, agiu assim: mesmo sem provas concretas, apenas sobre a influência de Iago, ele fez suposições errôneas sobre sua esposa. Entretanto, percebe-se que Otelo, por dedução, queria ser levado ao erro menos custoso, a fim de impedir o erro mais custoso. Mas ele não conseguiu.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se realizar um estudo que procurasse explicar como o ciúme desencadeia as inferências e atitudes de Otelo, personagem central da obra homônima de William Shakespeare. A partir desse objetivo, foi realizada uma pesquisa teórico-bibliográfica de conceitos essenciais para se fazer uma interface entre os três campos principais do trabalho: a Linguística Aplicada, através da Teoria da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (1995), a Psicologia e a linguagem cinematográfica. Uma vez que a Teoria da Relevância já faz uma interface com a Psicologia Cognitiva, procurou-se ampliar o leque de interfaces entre esses dois ramos de pesquisa.

Iniciou-se a revisão teórica retomando alguns conceitos básicos da Teoria da Relevância. Viu-se que os seres humanos se comunicam através de um estímulo-enunciado, no qual cabe ao receptor fazer inferências a partir da ostensão de um comunicador. Portanto, para se obter a relevância ótima, segundo Sperber e Wilson (1995), é preciso que se obtenha um maior efeito cognitivo para um menor esforço de processamento. Além disso, percebeu-se que, durante o ato comunicativo, deve haver manifestabilidade mútua entre os falantes, que criam o contexto comunicativo através da junção de informações velhas com informações dadas no ato comunicativo. Outro ponto importante da teoria de Sperber e Wilson (1995) são os efeitos contextuais, que podem alterar as crenças do indivíduo. Eles podem ocorrer por implicações contextuais, pelo fortalecimento ou enfraquecimento de suposições e pela eliminação de suposições contrárias.

Na revisão teórica, estudou-se, ainda, o ciúme sob a ótica de diversos autores. Para todos eles, é considerado um fenômeno universal e está, intrinsecamente, relacionado à perda. Entretanto, segundo Pines (1992), há dois tipos de ciúme: o normal, que é alicerçado em uma ameaça real, e o patológico, que prossegue apesar da ausência de ameaças reais ou prováveis. Esse segundo tipo, considerado um ciúme extremado, é um ácido que acaba com os casamentos, levando a assassinatos. A Teoria da Administração do Erro, proposta por Buss (2000), explica a reação das pessoas para terem certeza de que foram traídas: elas buscam tomar uma atitude cujo erro pode ser menos custoso, evitando-se, dessa forma, o erro mais custoso.

Essa relação proposta pela Teoria de Administração do Erro nada mais é do que uma relação de custo/benefício, que também é proposta, mas de outra maneira, na Teoria da Relevância. Buscou-se, portanto, na revisão teórica, fazer uma interface entre a Linguística e a Psicologia. Além disso, Campos (1998) também afirma que o peso do benefício emocional é um fator que pode gerar desequilíbrio no processo inferencial.

A partir dessas observações teóricas, considerou-se o filme Otelo para que se fizesse um estudo da personagem principal. Entretanto, foi preciso fazer uso de diversas cenas para mostrar como elas compunham o contexto no qual a personagem estava inserida. Viu-se que ela fora influenciada pela intrigas de seu suboficial Iago e que, muitas vezes, ela não compartilhara seu conhecimento de mundo com seus receptores, prejudicando o contexto comunicativo. A dúvida da traição foi fortalecida e enfraquecida pelas suposições que Otelo fizera no decorrer da história. Ao eliminar a suposição mais fraca – de que Desdêmona não o havia traído –, Otelo decide matar sua esposa.

Considerando tudo o que foi dito, acredita-se que o objetivo inicial foi alcançado e que, portanto, também foi realizada uma interface entre os campos de pesquisa pretendidos. As possibilidades de apreciação dessa obra não se esgotam aqui, havendo vários assuntos ainda para serem estudados, inclusive um aprofundamento do tema proposto neste opúsculo. Além disso, o trabalho se apresenta como um estímulo para que seja feito um estudo comparativo entre o filme e a obra literária. Dessa forma, poder-se-ia cotejar, em ambos, como o ciúme desencadeia as inferências e atitudes da personagem Otelo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BUSS, David M. **A Paixão Perigosa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CAMPOS, Jorge. Relevância, kluges, emoções: reflexões provocativas. In: **Tópicos em teoria da relevância**. p.10-15. Porto Alegre: EDIPUCRS,2008. Disponível em: <[http:// www.pucrs.br/edipucrs/teoriadarelevancia.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/teoriadarelevancia.pdf)> Acesso em 20 ago. 2010.

CUDDON, John Anthony. **The Penguin dictionary of literary terms and literary theory**. Oxford : Penguin Books, 1998. 991 p.

FREUD, S. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In: _____. **Além do princípio do prazer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.18. p. 237-247.

OTHELLO. Direção: Oliver Parker. Produção: David Barron; Jonathan Olsberg; Luc Roeg. Estados Unidos da América / Reino Unido: Castle Rock Entertainment, 1995. 1 DVD (123 min), windescreen, color.

PINES, Ayala; ARONSON, Elliot. **Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy**. Journal of Personality, v. 51, n. 1, p. 108-136, 1983.

PINES, Ayala M. **Romantic jealousy: The shadow of love**. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/articles/200910/romantic-jealousy>> Acesso em: 12 set. 2010.

SHAKESPEARE, William. **Othello**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SILVA, Padmal de. **Jealousy in couple relationships: nature, assessment and therapy**. Behavior Research and Therapy, v. 35, n. 11, p. 973-985, 1997.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. 2nd ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Primeiro Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Seu pai me amava e amiúde me convidava a descrever a história da minha vida, ano após ano... As batalhas, cercos e fortunas nos quais incorri, desde minha meninice até quando ele pediu que os relatasse. Falei de acasos assaz desastrosos de episódios pungentes em dilúvios e batalhas, fugas por um triz das fauces da morte, de como fui por insolentes inimigos capturado e vendido como escravo, dos canibais que uns aos outros devoram os Anthropophagi e de homens cuja cabeça desponha sob seus ombros. Tais coisas ouvindo, Desdêmona muito se interessava e, com ouvido afoito, devorava meu discurso. Ao observar isso, no momento adequado, pude com bons meios obter dela uma franca súplica para que eu narrasse toda a minha peregrinação. O esforço ela retribuiu com um mundo de suspiros. Jurou por sua fé que era tudo estranho, mais do que estranho, comovente... Maravilhosamente comovente. Ela me amou pelos perigos que enfrentei, e eu a amei por ter-se com eles comovido. Essa foi a única feitiçaria que usei.

OTHELLO: Her father loved me oft invited me still questioned me the story of my life from year to year the battles, sieges, fortunes that I have passed. Even from my boyish days to the moment he bade me tell it. Wherein I spoke of most disastrous chances of moving accidents by flood and field hair-breadth escapes in the imminent deadly breach of being taken by the insolent foe and sold to slavery. And of the cannibals that each other eat the Anthropophagi and men whose heads do grow beneath their shoulders. These things to hear would Desdemona seriously incline. And with a greedy ear devour up my discourse which I observing took once a pliant hour and found means to draw from her a prayer of earnest heart which I would all my pilgrimage dilate. She gave me for my pains a world of sighs. She swore, in faith, 'twas strange 'twas passing strange, 'twas pitiful 'twas wondrous pitiful. She loved me for the dangers I had passed and I loved her that she did pity them. This only is the witchcraft I have used.

ANEXO B – Segundo Diálogo – tradução e versão original

BRABÂNCIO: Discernis, entre todos os presentes, aquele ao qual deveis maior obediência?

DESDÊMONA: Meu nobre pai, a vós estou ligada pela vida e pela educação. Tanto uma quanto a outra me ensinaram a respeitar-vos. Sois o senhor de todo o meu dever. Até hoje fui sua filha, mas eis o meu esposo e dedicação igual àquela que minha mãe vos demonstrou ao vos preferir ao seu pai, ousou dizer que me cabe professar ao mouro, meu senhor.

BRABANTIO: Do you perceive in all this company where most you owe obedience?

DESDEMONA: My noble father, to you I am bound for life and education. My life and education both do learn me how to respect you. You are lord of all my duty. I am hitherto your daughter. But here's my husband. And so much duty as my mother showed to you preferring you before her father so much I challenge that I may profess due to the Moor,
my lord.

ANEXO C – Terceiro Diálogo – tradução e versão original

BRABÂNCIO: Usa a visão, mouro, se é que tens tal sentido. Ela iludiu-me e pode iludir o marido.

OTELLO: Minha vida pela sua fé!

BRABANTIO: Look to her, Moor, if thou hast eyes to see. She has deceived her father and may thee.

OTHELLO: My life upon her faith!

ANEXO D – Quarto Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Bom, Iago, minha Desdêmona devo confiar a ti. Que tua mulher lhe sirva: leva as duas consigo com o conforto possível.

OTHELLO: Good Iago, my Desdemona must I leave to thee. Let thy wife attend on her, and bring them after in the best advantage.

ANEXO E –Quinto Diálogo – tradução e versão original

IAGO: Odeio o mouro e supõe-se, além-mar, que em meus lençóis ele tenha feito meu ofício. Não sei se isso é verdade, mas, pela mera suspeita desse fato, agirei como se certamente eu soubesse. Ele me quer bem, o que melhor garante o meu propósito. Cássio é um homem correto. Vejamos, agora, pra obter o seu posto e galardoar minha vontade com dupla malícia. Como? Como? Já sei. Está engendrado. O inferno e a escuridão este monstruoso plano parirão. (...) Com uma teia tão pequena, hei de capturar esse moscão que é Cássio.

IAGO: I hate the Moor .and it is thought abroad that 'twixt my sheets he's done my office. I know not if it be true but I, for mere suspicion in that kind will do as if for surety. He holds me well the better shall my purpose work on him. Cassio's a proper man. Let me see now to get his place and to plume up my will in double knavery. How? How? I have it. It is engendered. Hell and night must bring this monstrous birth to the world's light. (...) With as little a web as this, will I ensnare as great a fly as Cassio.

ANEXO F – Sexto Diálogo – tradução e versão original**IAGO:** Não gosto disso.**OTELLO:** O que disseste?**IAGO:** Nada, meu senhor.**IAGO:** I like not that.**OTHELLO:** What dost thou say?**IAGO:** Nothing, my lord.

ANEXO G – Sétimo Diálogo – tradução e versão original

IAGO: Meu nobre senhor...

OTELO: O que dizes, Iago?

IAGO: Quando cortejastes minha dama, Cássio sabia de vosso amor?

OTELO: Sabia, do início ao fim. Por que perguntas?

IAGO: Apenas para satisfazer meu pensamento, nada mais.

OTELO: Em que estás pensando, Iago?

IAGO: Eu não sabia que ele a conhecia então.

OTELO: Conhecia, sim, e amiúde foi nosso mensageiro.

IAGO: Deveras?

OTELO: Deveras. Sim, deveras. Discernes algo nisso? Ele não é honesto?

IAGO: Honesto, meu senhor?

OTELO: Honesto, sim, honesto.

IAGO: Pelo que sei...

OTELO: O que achas?

IAGO: O que acho?

OTELO: “O que acho?” Pelos céus, parece um eco. Tens algo a me dizer. Se me amas, revela-me teu pensamento.

IAGO: My noble lord.

OTHELLO: What dost thou say, Iago?

IAGO: Did Cassio, when you wooed my lady, know of your love?

OTHELLO: He did, from first to last. Why dost thou ask?

IAGO: But for a satisfaction of my thought. No further harm.

OTHELLO: Why of thy thought, Iago?

IAGO: I did not think he had been acquainted with her.

OTHELLO: O, yes. And went between us very oft.

IAGO: Indeed?

OTHELLO: Indeed. Discernest thou aught in that? Is he not honest?

IAGO: Honest, my lord?

OTHELLO: Honest? Ay, honest.

IAGO: My lord, for aught I know.

OTHELLO: What dost thou think?

IAGO: Think, my lord?

OTHELLO: "Think, my lord"! By heaven, he echoes me.

ANEXO H – Oitavo Diálogo – tradução e versão original

IAGO: Senhor, sabeis que vos amo.

OTELO: Acho que amas, pois sei que és cheio de amor, de honestidade e que ponderas tuas palavras antes de dar-lhes hálito. Portanto, essa tua hesitação só me assusta mais.

IAGO: Quanto a Cássio, ousou jurar que ele é honesto.

OTELO: Eu também acho.

IAGO: Os homens devem ser o que parecem. Aqueles que não o são também não deveriam aparentar.

OTELO: Certamente, os homens devem ser o que parecem.

IAGO: Então acho que Cássio é honesto.

OTELO: Não, há algo mais nisso! Eu imploro, fala como se estivesses pensando. Enquanto ruminas, dá às tuas piores ideias as piores palavras.

IAGO: Por caridade. Posso estar sendo perverso em minha suposição, pois confesso que é uma sina da minha natureza vigiar abusos, e meu ciúme, muitas vezes, cria delitos que não existem. Por favor, pois: não ajudaria vossa paz nem vosso bem, tampouco minha hombridade, sabedoria e honestidade revelar meus pensamentos.

OTELO: O que queres dizer?

IAGO: O bom nome de um homem ou de uma mulher, senhor, é a joia suprema de sua alma.

(...)

OTELO: Pelos céus, saberei o que pensas.

(Otelos coloca uma arma no peito de Iago)

IAGO: My lord, you know I love you.

OTHELLO: I think thou dost. And for I know thou art full of love and honesty and weighest thy words before thou givest them breath. Therefore, these stops of thine fright me the more.

IAGO: For Cassio, I dare be sworn I think that he is honest.

OTHELLO: I think so too.

IAGO: Men should be what they seem. Or those that be not, would they might seem none.

OTHELLO: Certain, men should be what they seem.

IAGO: Why then, I think Cassio's an honest man.

OTHELLO: Nay, yet there's more in this! I prithee, speak to me as to thy thinkings. As thou dost ruminare, give thy worst of thoughts the worst of words.

IAGO: I do beseech you. Though I perchance am vicious in my guess as I confess, it is my nature's plague to spy into abuses and oft my jealousy shapes faults that are not. I entreat you then, it were not for your quiet nor your good nor for my manhood, honesty and wisdom to let you know my thoughts.

OTHELLO: What dost thou mean?

IAGO: Good name in man and woman, dear my lord, is the immediate jewel of their souls.

(...)

OTHELLO: By heaven, I'll know thy thought.

ANEXO I – Nono Diálogo – tradução e versão original

IAGO: Não podeis, ainda que tirásseis meu coração, e não sabereis enquanto ele estiver comigo. Cuidado, meu senhor, com o ciúme! É um monstro de olhos verdes que zomba da carne que devora.

OTELO: Por quê? Por que dizes isso? Achas que devotaria minha vida ao ciúme, seguindo até as mudanças da lua com novas suspeitas? Não! Estar uma vez em dúvida é de uma vez ter certeza. Mas não deixarei que meus poucos méritos me levem a temer ou cismar de que ela se revolte, pois tem olhos e me escolheu. Não, Iago, quero ver antes de suspeitar. Quando eu suspeitar, prove. Trazida a prova, não haverá senão isto: que acabem logo o amor e o ciúme.

IAGO: (...) Ainda não falo de provas. Vigiai vossa esposa. Observai-a bem com Cássio. Vigiai. Conheço bem o caráter de nosso país. Em Veneza, elas permitem que o céu veja os deboches que não mostram para seus maridos. A consciência não lhes dita que deixem de fazer, mas que não se deixem descobrir.

OTELO: Achas mesmo?

IAGO: Ela enganou o pai ao desposar-vos e, quando parecia temer vossa aparência, na verdade, amava-a.

OTELO: Amava mesmo.

IAGO: Ora, esqueçais, então. Mas eu sou o culpado. Rogo humildemente vosso perdão por vos amar demais.

OTELO: Estou ligado a ti para sempre.

IAGO: Vejo que isso agitou o vosso espírito.

OTELO: Nem um pouco, nem um pouco.

IAGO: You cannot, if my heart were in your hand. Nor shall not, while 'tis in my custody. O, beware, my lord, of jealousy! 'Tis the green-eyed monster that doth mock the meat it feeds on.

OTHELLO: Why? Why is this? Thinkest thou I'd make a life of jealousy to follow still the changes of the moon with fresh suspicions? No! To be once in doubt is once to be resolved. Nor from mine own weak merits shall I draw the smallest fear or doubt of her revolt, for she had eyes and chose me. No, Iago, I'll see before I doubt. When I

doubt, prove. And on the proof, there is no more but this: away at once with love or jealousy.

IAGO: (...) I speak not yet of proof. Look to your wife. Observe her well with Cassio. Look to it. I know our country disposition well. In Venice, they do let heaven see the pranks they dare not show their husbands. Their best conscience is not to leave it undone but keep it unknown.

OTHELLO: Dost thou say so?

IAGO: She did deceive her father. And when she seemed to fear your looks, she loved them most.

OTHELLO: And so she did.

IAGO: Why, go to then. But I am much to blame. I humbly do beseech you of your pardon for too much loving you.

OTHELLO: I am bound to thee forever.

IAGO: I see this hath dashed your spirits.

OTHELLO: Not a jot, not a jot.

ANEXO J – Décimo Diálogo – tradução e versão original

BRABÂNCIO: Usa a visão, mouro, se é que tens tal sentido. Ela iludiu-me e pode iludir o marido. Minha vida pela sua fé!

BRABANTIO: Look to her, Moor, if thou hast eyes to see. She has deceived her father and may thee.

ANEXO K – Décimo Primeiro Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Se notares algo mais, avisa-me. (...) (Em seguida, questiona-se sobre a fidelidade de Desdêmona) Por que me casei?

OTHELLO: If more thou dost perceive, let me know more. (...) Why did I marry?

ANEXO L – Décimo Segundo Diálogo – tradução e versão original

IAGO: Deitei-me com Cássio e, sofrendo de uma forte dor de dente, não consegui dormir. Há um tipo de homem cuja alma é tão aberta que, quando dorme, murmura seus segredos. Desse jaez é Cássio. No sono, ouvi que ele dizia: “Doce Desdêmona, tomemos cuidado, ocultemos nossos amores.” E então, senhor, ele tomou e apertou a minha mão, gritando: “Doce criatura!” E me beijou com força como se arrancasse beijos das raízes que crescem nos meus lábios. Depois, pôs sua perna sobre minha coxa, suspirou, beijou-me e gritou: “Amaldiçoado destino que te entregou ao mouro!”.

IAGO: I lay with Cassio lately. And being troubled with a raging tooth, I could not sleep. There are a kind of men so loose of soul that in their sleeps will mutter their affairs. One of this kind is Cassio. In sleep, I heard him say: "Sweet Desdemona, let us be wary, let us hide our loves." And then, sir, would he grip and wring my hand cry, "Sweet creature!" and then kiss me hard as if he plucked kisses from the roots upon my lips then laid his leg over my thigh and sighed and kissed and cried: "Cursed fate that gave thee to the Moor!"

ANEXO M – Décimo Terceiro Diálogo – tradução e versão original

IAGO: Já vistes um lenço decorado com morangos na mão de vossa esposa?

OTELO: Eu lhe dei um assim. Foi meu primeiro presente.

IAGO: Não sabia disso. Mas um lenço assim, tenho certeza de que era esse, vi Cássio hoje usando para secar sua barba.

OTELO: Se isso for verdade...

IAGO: Did you not see a handkerchief spotted with strawberries in your wife's hand?

OTHELLO: I gave her such a one. 'Twas my first gift.

IAGO: I know not that. But such a handkerchief I'm sure it was your wife's did I today see Cassio wipe his beard with.

OTHELLO: O, if it be that...

ANEXO N – Décimo Quarto Diálogo – tradução e versão original

DESDÊMONA: Onde terei deixado aquele lenço, Emília?

EMÍLIA: Não sei, madame.

DESDÊMONA: Acredita, eu preferiria perder uma bolsa cheia de cruzados. Se meu nobre mouro não tivesse a mente clara e não fosse livre da baixeza das criaturas ciumentas, isso bastaria para trazer-lhe maus pensamentos.

DESDEMONA: Where should I lose that handkerchief, Emilia?

EMILIA: I know not, madam.

DESDEMONA: Believe me, I had rather lose my purse full of crusadoes. And, but my noble Moor is true of mind and made of no such baseness as jealous creatures are it were enough to put him to ill thinking.

ANEXO O – Décimo Quinto Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Aquele lenço foi dado à minha mãe por uma egípcia. Ela era feiticeira, e quase conseguia ler pensamentos. Disse que, enquanto minha mãe o guardasse, seria amada, e meu pai seria totalmente submisso ao seu amor. Mas, se ela o perdesse ou o desse a outro, tornar-se-ia odiosa aos olhos do meu pai, e o espírito dele sairia à caça de novas paixões. Ao morrer, ela mo deu e pediu que, quando os fados me quisessem casado, eu o desse à esposa. Fiz isso, e vós, cuidai bem dele, fizeti dele a menina de vossos lindos olhos. Perdê-lo ou dá-lo trariam uma danação incomparável.

DESDÊMOMA: Será possível?

OTELO: É verdade. Há magia em sua trama.

DESDÊMOMA: Então, preferiria jamais tê-lo visto!

OTELO: Por quê?

DESDÊMOMA: Por que falais tão alto e bruscamente?

OTELO: Está perdido? Foi-se? Está jogado por aí?

DESDÊMOMA: Que o céu nos abençoe!

OTELO: Dizer-mo-eis?

DESDÊMOMA: Não está perdido. Mas, e se estivesse?

OTELO: Como?

DESDÊMOMA: Já disse, não está perdido!

OTELO: Trazei-o. Deixai-me vê-lo.

DESDÊMOMA: Posso fazer isso, senhor, mas não o farei agora. É um truque vosso para me distrair de meu apelo. Eu vos imploro, recebei Cássio novamente.

OTELO: Trazei-me o lenço. Minha mente desconfia.

DESDÊMOMA: Jamais encontrareis alguém de maior valor.

OTELO: O lenço!

DESDÊMOMA: Rogo-vos que faleis de Cássio, um homem que a vida toda dedicou sua fortuna ao amor por vós.

OTELO: O lenço!

DESDÊMOMA: Na verdade, vós sois o culpado.

OTELO: Sangue de Deus!

OTHELLO: That handkerchief did an Egyptian to my mother give. She was a charmer and could almost read the thoughts of people. She told her while she kept it, 'twould make her amiable and subdue my father entirely to her love. But if she lost it or made a gift of it my father's eye should hold her loathed and his spirits should hunt after new fancies. She dying gave it me and bid me, when my fate would have me wived I give it her. I did so. And take heed on it. Make it a darling like your precious eye. To lose it or give it away were such perdition as nothing else could match.

DESDEMONA: Is it possible?

OTHELLO: 'Tis true. There's magic in the web of it.

DESDEMONA: Then would to God I had never seen it!

OTHELLO: Wherefore?

DESDEMONA: Why do you speak so startingly and rash?

OTHELLO: Is it lost? Is it gone? Is it out of the way?

DESDEMONA: Heaven bless us!

OTHELLO: Say you?

DESDEMONA: It is not lost. But what an if it were?

OTHELLO: How?

DESDEMONA: I say it is not lost!

OTHELLO: Fetch it. Let me see it.

DESDEMONA: Why, so I can, sir. But I will not now. This is a trick to put me from my suit. I pray you, let Cassio be received again.

OTHELLO: Fetch me my handkerchief. My mind misgives.

DESDEMONA: Come. You'll never meet a more sufficient man.

OTHELLO: The handkerchief!

DESDEMONA: I pray you, talk me of Cassio, a man that all his time hath founded his good fortunes on your love.

OTHELLO: The handkerchief!

DESDEMONA: In faith, you are to blame.

OTHELLO: 'Zounds!

ANEXO P – Décimo Sexto Diálogo – tradução e versão original**EMÍLIA:** E esse homem não é ciumento?**DESDÊMONA:** Jamais o vi assim antes.**EMILIA:** Is not this man jealous?**DESDEMONA:** I never saw this before.

ANEXO Q – Décimo Sétimo Diálogo – tradução e versão original

EMÍLIA: Somente em um ano ou dois se conhece um homem. Eles são só estômagos, e nós, comida, nada mais. Comem-nos esfaimadamente, e, quando ficam fartos, arrotam-nos.

EMILIA: 'Tis not a year or two shows us a man. They are all but stomachs, and we all but food. They eat us hungrily. And when they are full, they belch us.

ANEXO R – Décimo Oitavo Diálogo – tradução e versão original

CÁSSIO: Pobre vagabunda! Acho, por minha fé, que me ama.

OTELLO (comenta escondido, sem fazer parte da situação comunicativa): Vede como ele já se ri!

IAGO: Diz ela que vós haveis de desposá-la. Tencionais fazê-lo?

CÁSSIO: Eu, desposá-la? O quê? Rogo-te que tenhas piedade do meu juízo.

IAGO: Andam dizendo que vós a desposareis.

CÁSSIO: Por favor, sê sincero.

IAGO: Juro por minha honestidade.

(...)

OTELLO (comenta escondido, sem fazer parte da situação comunicativa): Vejo vosso nariz, mas não o cão ao qual hei de atirá-lo.

CASSIO: Poor wretch! I think, in faith, she loves me.

OTHELLO: Look how he laughs already!

IAGO: She says that you shall marry her. Do you intend it?

CASSIO: I marry her? What? I prithee, bear some charity to my wit.

IAGO: The cry goes that you shall marry her.

CASSIO: Prithee, say true.

IAGO: I am a very villain else.

(...)

OTELLO: I see that nose of yours but not that dog I shall throw it to!

ANEXO S – Décimo Nono Diálogo – tradução e versão original

BIANCA (segurando o lenço): De onde saiu isto? É algum presente de uma nova amiga.

CÁSSIO: Não, por minha fé.

BIANCA: De quem é, então?

CÁSSIO: Não sei. Achei-o em meu quarto.

BIANCA: Muito plausível que o tendeis achado em vosso quarto e não saibais quem o deixou! Isso é o presente de alguma regateira. Tomai. Dai-o a vossa égua de montaria, seja ela quem for.

BIANCA: Whence came this? This is some token from a newer friend.

CASSIO: No, by my faith.

BIANCA: Why, whose is it?

CASSIO: I know not. I found it in my chamber.

BIANCA: A likely story that you should find it in your chamber and not know who left it. This is some minx's token. There! Give it to your hobbyhorse, wheresoever you had it.

ANEXO T – Vigésimo Diálogo – tradução e versão original

LUDOVICO: Como está o tenente Cássio?

OTELO: Vivo, senhor.

DESDÊMONA: Primo, entre ele e meu senhor ocorreu um triste rompimento, mas vós haveis de tudo emendar.

OTELO: Estais certa disso?

DESDÊMONA: Senhor?

OTELO (lendo a carta que recebera, sem dar importância a Desdêmona): “Não deixeis de fazer isto...”

LUDOVICO: Ele não ouviu. O meu senhor desentendeu-se com Cássio?

DESDÊMONA: Infelizmente. Eu faria de tudo para reconciliá-los, pelo amor que sinto por Cássio.

OTELO: Fogo e enxofre!

DESDÊMONA: Senhor?

OTELO: Tendes juízo?

DESDÊMONA: O que foi? Ele está irado?

LUDOVICO: Talvez tenha sido a carta, pois acho que pedem o seu regresso e põem Cássio no governo.

DESDÊMONA: Pelos céus, fico feliz com isso.

OTELO: Deveras?

DESDÊMONA: Senhor?

OTELO: “Fico feliz em ver-vos furioso!”

DESDÊMONA: Por que, doce Otelo?

(Otelo bate no rosto de Desdêmona)

OTELO: Demônio!

DESDÊMONA: Eu não mereci isso.

LUDOVICO: Ninguém acreditaria em Veneza, embora eu tenha presenciado. É demais. Pedi-lhe perdão. Ela chora.

OTELO: Mesmo que o mundo fosse inundado por choro de mulher, cada lágrima sua provaria ser de crocodilo. Afastai-vos de mim!

DESDÊMONA: Eu não ficaria para vos ofender.

LUDOVICO: How does Lieutenant Cassio?

OTHELLO: Lives, sir.

DESDEMONA: Cousin, there's fallen between him and my lord an unkind breach.
But you shall make all well.

OTHELLO: Are you sure of that?

DESDEMONA: My lord?

OTHELLO: "This fail you not to do."

LODOVICO: He did not call. is there division between my lord and Cassio?

DESDEMONA: A most unhappy one. I would do much to atone them, for the love I bear to Cassio.

OTHELLO: Fire and brimstone!

DESDEMONA: My lord?

OTHELLO: Are you wise?

DESDEMONA: What? Is he angry?

LODOVICO: Maybe the letter moved him. For as I think, they do command him home deputing Cassio in his government.

DESDEMONA: By my troth, I'm glad on it.

OTHELLO: Indeed!

DESDEMONA: My lord?

OTHELLO: I am glad to see you mad.

DESDEMONA: Why, sweet Othello?

OTHELLO: Devil!

DESDEMONA: I have not deserved this.

LODOVICO: This would not be believed in Venice, though I should swear I saw it.
'Tis very much. Make her amends. She weeps.

OTHELLO: If that the earth could teem with women's tears, each drop she falls
would prove a crocodile. Out of my sight!

DESDEMONA: I would not stay to offend you.

ANEXO U – Vigésimo Primeiro Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Nada viste, então?

EMÍLIA: Nem ouvi, nem suspeitei.

OTELO: Mas viste Cássio e ela juntos.

EMÍLIA: Não vi mal nisso. Ouvi cada sílaba que o hálito levou entre eles.

OTELO: O quê? Nunca murmuraram?

EMÍLIA: Nunca.

OTELO: Nem vos mandaram embora para trazer seu leque, suas luvas, nada?

EMÍLIA: Nunca.

OTELO: Estranho.

OTHELLO: You have seen nothing then?

EMILIA: Nor ever heard, nor suspected.

OTHELLO: You've seen Cassio and she together.

EMILIA: I saw no harm. I heard each syllable that breath made up between them.

OTHELLO: What! Did they never whisper?

EMILIA: Never.

OTHELLO: Nor send you to fetch her fan, her gloves, her mask, nothing?

EMILIA: Never.

OTHELLO: That's strange.

ANEXO V – Vigésimo Segundo Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Ela parece convicta, mas uma simples alcoviteira não pode dizer muito.

OTHELLO: She says enough, but she's a simple bawd that cannot say as much.

ANEXO W – Vigésimo Terceiro Diálogo – tradução e versão original

DESDÊMONA: Qual o vosso desejo?

OTELO: Deixai-me ver vossos olhos. Olhai-me no rosto.

DESDÊMONA: Que horrível mania é essa?

OTELO: O que és?

DESDÊMONA: Vossa esposa, meu senhor. Vossa sincera e leal esposa.

OTELO: Vem, jura-o. Condena-te ao inferno jurando que és honesta.

DESDÊMONA: O céu verdadeiramente sabe disso.

OTELO: O céu verdadeiramente sabe que és falsa como o inferno.

DESDÊMONA: Para quem, senhor? Com quem? Como sou falsa?

OTELO: Ó, Desdêmona! Afasta-te!

DESDÊMONA: Ó dia pesaroso! Por que chorais? Sou eu o motivo dessas lágrimas, senhor?

OTELO: (...) Antes nunca tivesses nascido!

DESDÊMONA: Ai de mim, que delito ignorado cometi?

OTELO: Esse alvo papel foi feito para que nele se escrevesse "meretriz"? Que delito? Rameira impudente!

DESDÊMONA: Pelos céus, vós me injustiçais.

OTELO: Não sois uma rameira?

DESDÊMONA: Não, por minha alma cristã!

OTELO: Como? Não sois meretriz?

DESDÊMONA: Não, pela minha salvação!

DESDEMONA: What is your pleasure?

OTHELLO: Let me see your eyes. Look in my face.

DESDEMONA: What horrible fancy's this?

OTHELLO: What art thou?

DESDEMONA: Your wife, my lord. Your true and loyal wife.

OTHELLO: Come, swear it. Damn thyself. Swear thou art honest.

DESDEMONA: Heaven doth truly know it.

OTHELLO: Heaven truly knows thou art false as hell.

DESDEMONA: To whom, my lord? With whom? How am I false?

OTHELLO: O, Desdemona! Away, away!

DESDEMONA: Alas the heavy day! Why do you weep? Am I the motive of these tears, my lord?

OTHELLO: (...) Wouldst thou had never been born!

DESDEMONA: Alas, what ignorant sin have I committed?

OTHELLO: Was this fair paper made to write "whore" upon? What committed! Impudent strumpet!

DESDEMONA: By heaven, you do me wrong.

OTHELLO: Are you not a strumpet?

DESDEMONA: I am a Christian!

OTHELLO: What! Not a whore?

DESDEMONA: No, as I shall be saved.

ANEXO Y – Vigésimo Quarto Diálogo – tradução e versão original

OTELO: Rezastes esta noite, Desdêmona?

DESDÊMUNA: Sim, senhor.

OTELO: Se achais que tendes algum pecado inconfesso ao céu, pedi absolvição por ele já.

DESDÊMUNA: Ai, senhor, o que quereis dizer com isso?

OTELO: Obedecei, e sede breve. Vou aguardar. Eu não mataria teu espírito despreparado. O céu não permita! Não mataria a tua alma.

DESDÊMUNA: Falais em matar?

OTELO: Sim, falo.

DESDÊMUNA: Então, que o céu tenha piedade de mim.

OTELO: Amém, de todo o coração.

DESDÊMUNA: Já que falais assim, espero que não me mateis. Todavia eu vos temo.

OTELO: Pensa em teus pecados.

DESDÊMUNA: São amores que eu vos dedico.

OTELO: E por eles tu morrerás.

DESDÊMUNA: Não é natural matar alguém por amor.

OTELO: Paz, cala-te!

DESDÊMUNA: Eu obedeço. Qual é a razão?

OTELO: O lenço que eu te dei, tu deste a Cássio.

DESDÊMUNA: Não, por minha vida e alma! Chamai o homem e perguntai.

OTELO: Doce alma, cuidado com o perjúrio. Estás em teu leito de morte.

DESDÊMUNA: Sim, mas não para morrer ainda.

OTELO: Sim, agora!

DESDÊMUNA: Então, que o Senhor tenha piedade de mim!

OTELO: Eu digo: amém.

DESDÊMUNA: E vós, tende piedade também! Nunca vos ofendi em minha vida. Nunca amei Cássio, exceto do modo que o céu me permitia amá-lo! Jamais dei nada a ele!

OTELO: Pelos céus, eu vi meu lenço em sua mão!

DESDÊMUNA: Ele o achou, então. Eu nunca o dei. Mandai-o chamar aqui! Deixai que confesse a verdade.

OTELO: Ele já confessou.

DESDÊMONA: O que, senhor?

OTELO: Que te usou.

DESDÊMONA: Como? Ilegitimamente?

OTELO: Sim.

DESDÊMONA: Ele não dirá isso.

OTELO: Não. Sua língua foi silenciada. Mandeí que o honesto lago cuidasse disso.

DESDÊMONA: O quê? Ele está morto? Ai de mim, ele foi traído, e eu estou perdida.

OTELO: Rameira! Ousas chorar por ele diante de mim?

DESDÊMONA: Expulsai-me, senhor, mas não me mateis!

OTELO: Quieta, rameira!

DESDÊMONA: Matai-me amanhã. Deixai-me viver esta noite.

(Desdêmona abraça Otelo e, em seguida, tenta esquivar-se dele.)

OTELO: Não! Se resistires...

DESDÊMONA: Só meia hora!

OTELO: Está feito, não há mais tempo.

DESDÊMONA: Só enquanto faço uma prece!

OTELO: Tarde demais.

OTHELLO: Have you prayed tonight, Desdemona?

DESDEMONA: Ay, my lord.

OTHELLO: If you bethink yourself of any crime unreconciled to heaven, solicit for it straight.

DESDEMONA: Alack, my lord, what may you mean by that?

OTHELLO: Well, do it and be brief. I will walk by. I'll not kill thy unprepared spirit. Heaven forbend! I'll not kill thy soul.

DESDEMONA: Talk you of killing?

OTHELLO: Ay, I do.

DESDEMONA: Then heaven have mercy on me.

OTHELLO: Amen, with all my heart!

DESDEMONA: If you say so, I hope you will not kill me. And yet I fear you.

OTHELLO: Think on thy sins.

DESDEMONA: They are loves I bear to you.

OTHELLO: And for that thou diest.

DESDEMONA: That death's unnatural that kills for loving.

OTHELLO: Peace and be still!

DESDEMONA: I will so. What's the matter?

OTHELLO: That handkerchief which I gave thee, thou gave to Cassio.

DESDEMONA: No, by my life and soul! Send for the man and ask him.

OTHELLO: Sweet soul, take heed of perjury. Thou art on thy deathbed.

DESDEMONA: But not yet to die.

OTHELLO: Yes, presently!

DESDEMONA: Then Lord have mercy on me!

OTHELLO: I say amen.

DESDEMONA: And have you mercy too! I never did offend you in my life. Never loved Cassio but with such general warranty of heaven as I might love. I never gave him token.

OTHELLO: By heaven, I saw my handkerchief in his hand!

DESDEMONA: He found it then. I never gave it him. Send for him hither. Let him confess a truth.

OTHELLO: He hath confessed.

DESDEMONA: What, my lord?

OTHELLO: That he hath used thee.

DESDEMONA: How? Unlawfully?

OTHELLO: Ay.

DESDEMONA: He will not say so.

OTHELLO: No, his mouth is stopped. Honest Iago hath taken order for it.

DESDEMONA: What? Is he dead? Alas, he is betrayed and I undone.

OTHELLO: Out, strumpet! Weepest thou for him to my face?

DESDEMONA: O banish me, my lord, but kill me not!

OTHELLO: Down, strumpet!

DESDEMONA: Kill me tomorrow. Let me live tonight.

OTHELLO: Nay! If you strive...

DESDEMONA: But half an hour!

OTHELLO: Being done, there is no pause.

DESDEMONA: But while I say one prayer!

OTHELLO: It's too late.